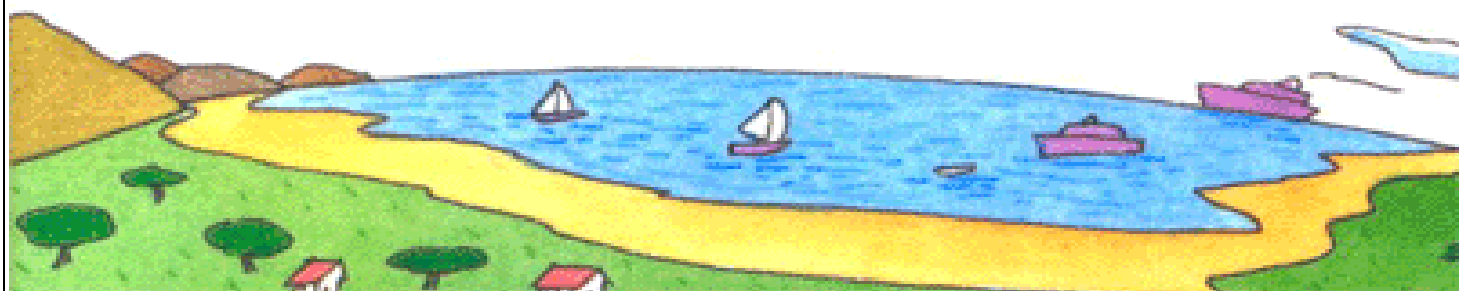


*"Desvelando caminhos por um Brasil literário:
ontem, hoje e sempre"*



*1º Passo:
MUITAS HISTÓRIAS PARA CONTAR!*

*Equipe de Leitura – SME/ Duque de Caxias
Abril 2012*

Para início de conversa...

“O diálogo pertence à natureza do ser humano enquanto ser de comunicação.
O diálogo sela o ato de aprender, que nunca é individual,
embora tenha uma dimensão individual”
Paulo Freire, *in* Medo e Ousadia

Caro Dinamizador,

nossa função é a que melhor permite encontros dialógicos na escola. Nossas aulas, conduzidas pela Literatura, nos permitem provocar e experimentar espantos, dúvidas, sentires dos mais variados. Somos levados por caminhos imprevisíveis após cada leitura, em cada turma e turnos diferentes. Estamos para além do que convencionamos chamar *regência de turma* porque também somos regidos pela leitura do outro, neste caso, nosso aluno. É uma ação que nos aproxima bastante do fazer filosófico (se tivermos, aliás, a intenção, nossas aulas podem se transformar em experiências filosóficas).

Outra característica relevante é o fato de não avaliarmos – convencionalmente - nossos alunos. Estar junto ao educando sem a lente professoral, que muitas vezes mais nos faz exigir que exaltar, nos permite perceber avanços significativos em nossos grupos de atendimento, e em nós mesmos, em nosso trabalho cotidiano.

Com o passar do tempo, perdemos a cerimônia com a Literatura e vamos ousando ao ponto de sermos aplaudidos por nossos alunos, como artistas, ou esperados por eles como parente querido, que lhes conta histórias ao pé da cama.

No entanto, mesmo no auge de nossa ousadia, temos medos: de errar na escolha da obra; de construir propostas para além ou aquém da faixa etária que atendemos; medo de falhar...

Mas nós não podemos esquecer de que medo e ousadia caminham juntos, ao lado do professor inquieto, preocupado em oferecer sempre o melhor de si. E, de algum modo, são sentimentos que nos impulsionam a pesquisar, repensar, crescer.

Foi pensando nisso e nos pedidos que alguns colegas nos têm feito que elaboramos e vamos dinamizar na formação de hoje, oficinas segmentadas – Educação Infantil, Fundamental I e Fundamental II - e compilamos nesta apostila, além dos textos e sugestões de atividades, a pauta destas oficinas (já que não seria possível que todos vivenciassem cada uma delas).

Sabemos que muitos poderão pensar, após a leitura deste material, que as propostas e/ou textos apresentados podem ser facilmente aplicados em segmentos diferentes, o que estará absolutamente correto. Afinal, com o tempo vamos percebendo que a Literatura não é fragmentada. A organização em “para 6 anos, para 7 anos”, e assim sucessivamente é uma marca utilizada pelo comércio livreiro, não para nós, professores mediadores de leitura!

Então, fiquem à vontade: adicionem ou subtraíam ideias, misturem a gosto e ofereçam aos seus alunos com prazer, como sobremesa muito esperada. Produzam novas possibilidades através de suas vivências e diálogos com alunos, professores, colegas, outros leitores, enfim, criem!

A apostila e as oficinas são tentativas de construir nosso *livro falado*, como propôs Paulo Freire, na obra citada no início da nossa conversa.

Esperamos atingir o objetivo.

Caso contrário, estaremos como sempre estamos, à disposição de vocês na SME, através de nosso email, e, em breve, em nosso blog, para pensarmos e repensarmos ações mais eficazes, consistentes e prazerosas. Construídas através do diálogo.

Bem vindos a primeira formação 2012. Este primeiro passo cheio de muitas, MUITAS HISTÓRIAS PARA CONTAR... E escrever!

Hellenice Ferreira
Abril de 2012



CONTO POPULAR

É o relato produzido pelo povo e transmitido por linguagem oral. É o conto folclórico, a *estória*, o causo como diz o caipira paulista, e que ocorre no contexto do maravilhoso e até do sobrenatural. É a *estória* de Trancoso, conto de fadas, da carochinha, etc., de importância capital como expressão de psicologia coletiva no quadro de literatura oral de um país. As várias modalidades do conto, os processos de transmissão, adaptação, narração, o nível intelectual do auditório, sua recepção, reação e projeção determinam valor supremo como um dos mais expressivos índices intelectuais populares. O conto ainda documenta a sobrevivência, o registro de usos, costumes, fórmulas jurídicas, esquecidas, mortas. A moral de uma época distanciada continua imóvel no conto que ouvimos nos nossos dias. A novelística, que se tornou uma das mais apaixonantes atividades de pesquisa cultural no século XIX, consagrou o conto popular, transmitido oralmente. A Maria Borracheira, Cinderela, está em todos os idiomas e terras, mas raramente num bloco compacto, com os episódios que julgamos constituir a verdadeira história. Está nos elementos que se combinam, tecendo variantes, tidas como originárias da própria terra onde são ouvidas. Depois da reunião de uma massa abundante de contos, ouvidos nos países mais longínquos e pelas vozes felizes do povo, fixados sem deformação letrada e sem falso preconceito estético de aformoseamento, surgiu a necessidade da sistemática, o imperativo da classificação simplificadora para o estudo final comparativo. As pesquisas esclareceram que os contos populares, nas áreas estudadas do mundo, não são incontáveis nem demasiado complexos. Partem de temas primitivos e obedecem a uma seriação articulada de elementos, de soluções psicológicas, uso de objeto, encontro de obstáculos, comuns e semelhantes. Talvez existam 10 mil motivos fundamentais (Aurélio N. Espinosa) e a literatura oral dos contos tradicionais reduz a uma combinação desses motivos entre si. A variedade dos fios formadores dá a ilusão do inesgotável na imaginação popular. A variedade está limitada aos processos de articulação, de engrenagem psicológica, de um episódio no outro, através de raças, idiomas e séculos. Uma das *estórias* mais antigas que conhecemos, a dos irmãos Anepu e Batau, terá seus 3.200 anos e o papiro está no Museu Britânico. Em contos populares do Brasil e de Portugal, são encontrados elementos temáticos do episódio dos Dois irmãos. O sacrifício do boi para que a mulher como o fígado reaparece em duas versões brasileiras, “Querino, Vaqueiro do Rei” (Rio Grande do Norte) e o “Boi Leirão”, de Alagoas, publicadas no *Contos Tradicionais do Brasil*. Mais tarde o fígado é substituído pela língua do boi, como acontece nos folguedos do Bumba-meu-boi, do Maranhão, ou dos Bumbás, de outros estados brasileiros.

De todas as classificações sugeridas e adotadas por estudiosos estrangeiros e brasileiros optou-se por reunir os contos populares em grupos primários simples, segundo os temas a que estão ligados.

- *Contos de Encantamento*: correspondem aos contos de fadas, *estórias* da carochinha, caracterizados pelo elemento sobrenatural, miraculoso, maravilhoso. Exemplos: O papagaio real; A princesa Serpente.
- *Contos de Exemplo*: são contos de fundo moral, havendo sempre a intenção educativa. Exemplos: Quirino, o vaqueiro do Rei, As três velhas.
- *Contos de Animais*: fábulas tendo o animal como personagem principal. Exemplos: O sapo e o coelho; o macaco e a negrinha de cera.
- *Contos Religiosos*: caracterizam-se pela presença ou interferência divina. Exemplos: A ovelha que salvou o menino Jesus; A moça e a Vela.
- *Contos Etiológicos*: explicam a origem do objeto, seja animal, vegetal ou mineral. Exemplos: solha (*Solea brasiliensis*), peixe ósseo, chato, assimétrico, que vive em fundo arenoso. Ficou com a boca torta por ter zombado de Nossa Senhora, imitando-lhe a voz; A princesa adivinhona. Ver Sílvio Romero, *Contos Populares do Brasil*; Luís da Câmara Cascudo, *Trinta Estórias Brasileiras*, Porto, 1955; *Contos Tradicionais do Brasil*, Bahia, 1955.

Texto extraído do livro “Dicionário do folclore brasileiro”,
de Luís da Câmara Cascudo, Editora Global



OFICINA: GOSTOSURAS E BOBICES
ANA MARIA OLIVEIRA E VERA LUCIA SANTOS

Estamos iniciando nossa caminhada por um Brasil literário. Neste primeiro passo estaremos, juntamente com nossas crianças, desvelando a cultura popular brasileira.

Sendo assim, nesta oficina passearemos por diferentes manifestações folclóricas: Enfrentaremos um rei descrente do poder superior juntamente com o pescador do conto popular ‘Viva Deus e ninguém mais’, responderemos adivinhas, seremos desafiados por trava-línguas, conheceremos frases feitas, refletiremos sobre ditados populares e nos divertiremos muito com parlendas e brinquedos cantados!

Nosso objetivo é proporcionar aos dinamizadores de leitura a vivência destas manifestações folclóricas, visando capacitá-los como multiplicadores destas tradições nas instituições de Educação Infantil, já que o ritmo da vida moderna muitas vezes afasta nossas crianças da ludicidade presente em nosso folclore. Para tal, focamos nossa pesquisa nas obras de Luís da Câmara Cascudo, Ricardo Azevedo e Bia Bedran.

Desejamos que você descubra, como Câmara Cascudo que “O folclore ensina a conhecer o espírito, o trabalho, a tendência, o instinto, tudo quanto de habitual existe no homem. Ao lado da literatura, do pensamento intelectual letrado, correm as águas paralelas, solitárias e poderosas da memória e da imaginação popular”. Segue em anexo os textos utilizados durante esta oficina, que eles enriqueçam ainda mais os momentos de Sala de Leitura.

DESENVOLVIMENTO:

1º MOMENTO: Caixa surpresa

(Esta caixa contém elementos relacionados ao conto popular ‘O pescador, o anel e o rei’ e, será utilizada como ponto de partida para que este conto seja narrado).

2º MOMENTO: Baú da Cultura popular

Dividir os componentes da oficina em seis grupos. Cada grupo retira um envelope do baú, contendo diferentes textos relacionados à cultura popular e uma proposta de atividade para ser realizada pelo grupo:

- Adivinhas: Tendo como referência as adivinhas contidas no baú, buscar no baú da memória adivinhas para propor aos outros grupos.
- Frases feitas: Escolher uma das frases feitas lidas para apresentar aos demais grupos por meio de gestos.
- Ditados populares: Ilustrar um dos ditados populares contidos no baú.
- Trava-língua: Escolher um dos trava-línguas contido no baú para desafiar os demais grupos a recitá-lo.
- Parlendas: Brincar com as parlendas contidas no baú, e escolher uma delas para ser apresentada aos demais grupos.
- Acalantos: A partir do acalanto ‘Xô papão’ construir coletivamente a figura do Bicho-papão.

Os componentes dos grupos retornam a formação inicial para participar do Brinquedo Cantado ‘Eu era assim’ (Versão de Bia Bedran)

3º MOMENTO:

- Distribuição das lembranças da oficina
- Entrega dos envelopes



O PESCADOR, O ANEL E O REI

Era uma vez um velho pescador que vivia cantando:

*Viva Deus e ninguém mais.
Quando Deus não quer,
ninguém nada faz.*

Mesmo quando sua pesca não era boa, ele cantava com muita fé e alegria a sua cantiga.

*Viva Deus e ninguém mais.
Quando Deus não quer,
ninguém nada faz.*

Um dia, o rei daquele lugar soube da existência do pescador e quis que ele fosse à sua presença, por não admitir que Deus podia mais que tudo no mundo...

Esse rei era tão poderoso e orgulhoso, que achava que podia até mais que o próprio Deus!

E lá foi o pescador, subindo as escadas de tapete vermelho do palácio, cantando:

*Viva Deus e ninguém mais.
Quando Deus não quer,
ninguém nada faz.*

Diante do rei, o pescador não mostrou medo algum, e ainda reafirmou sua fé, cantando a mesma cantiga.

Então o rei disse:

- Vamos ver se Deus pode mais que eu, pescador! Eis aqui o meu anel. Vou entregá-lo aos seus cuidados! Se, dentro de quinze dias, você me devolver o anel, intacto, você ganhará um enorme tesouro e não precisará mais trabalhar para viver. Porém, se no décimo quinto dia você não voltar com o anel, mando cortar a sua cabeça! Agora vá embora...

O pescador foi embora e, quando chegou em casa, entregou o anel para a mulher que prometeu guardá-lo a sete chaves.

Deixe estar que isso não passava de um plano do rei, que logo mandou um criado, disfarçado de mercador, bater na casa do pescador, quando este já havia saído para pescar.

- Ô de casa!

A velha senhora abriu a porta.

- Minha senhora, sou mercador. Vendo e compro anéis. A senhora não teria, aí pelas gavetas, um anelzinho para me vender? Pago bem!

E mostrou muito dinheiro.

- Não tenho não, Senhor. Aqui é casa de pobre. Não tem anel nenhum não.

Mas a velha ficou surpresa com tanto dinheiro que o homem mostrava. Acabou caindo na tentação e vendeu o anel!

Quando o pescador voltou cantando:

*Viva Deus e ninguém mais.
Quando Deus não quer,
ninguém nada faz.*



...Soube do que havia acontecido e ficou desesperado.

- Mulher! Você não vendeu o anel não; você vendeu a minha cabeça!

E foram correndo procurar o mercador pela floresta, pela estrada, pela praia, pela aldeia e nada...

Claro! A essa altura, o criado disfarçado de mercador já estava longe e havia jogado o anel em alto-mar, a mando do rei, para que nunca mais ninguém pudesse encontrá-lo.

E o tempo foi passando...

Décimo dia...

O pescador, triste, continuava cantando:

(mais lento)

Viva Deus e ninguém mais.

*Quando Deus não quer,
ninguém nada faz.*

Até que, no penúltimo dia, o pescador chamou a mulher e disse:

- Mulher, eu vou morrer... Amanhã, minha cabeça vai rolar. Vamos nos despedir, com uma última refeição. Farei uma boa pescaria.

E lá se foi o pescador, tristemente, cantando sem parar sua cantiga.

Pescou cinquenta peixes, quarenta e nove ele vendeu no mercado, e um levou para a mulher preparar.

Ela caprichou no tempero e fez, no fogão de lenha, aquele peixe que seria sua última ceia junto com o marido depois de tantos anos.

Mastiga daqui, chora dali, pensa de lá, e de repente... Engasga-se.

- O que é isso? Mulher! (Cospe o anel.) Eu não disse que Deus pode mais que todo mundo?

(bem animado)

Viva Deus e ninguém mais.

*Quando Deus não quer,
ninguém nada faz.*

O pescador limpou o anel e correu em direção ao palácio. Subiu as escadas de tapete vermelho cantando, fez uma referência para o rei, que perguntou todo poderoso:

- E então, pescador? Onde está o meu anel?

E o pescador, vitorioso:

- Está aqui, meu rei!

O rei ficou boquiaberto! Não conseguia acreditar... Teve de entregar o tesouro para o pescador. E até o rei teve que cantar:

Viva Deus e ninguém mais.

*Quando Deus não quer,
ninguém nada faz.*

Conto popular adaptado por *Bia Bedran*.



ADIVINHAS

O que é, o que é...

Coisa tão curiosa
Causa espanto em tanta gente
Por trás tão curto rabinho
E tromba tão grande na frente?

Resposta: Elefante

Na água nasce,
Na água cresce,
Se botar na água
Desaparece?

Resposta: Sal

Que está na sua frente, mas você
não vê?

Resposta: Nariz

Que quanto mais se perde, mais se
tem?

Resposta: Sono

Que é meu, mas os meus amigos
usam mais do que eu?

Resposta: Meu nome



PARLENDAS

Um, dois, feijão com arroz
Três, quatro, feijão no prato
Cinco, seis, no fim do mês
Sete, oito, comer biscoito
Nove, dez, comer pastéis.

Um homem bateu em minha porta,
e eu abri.

Senhoras e senhores
Ponham a mão no chão.
Senhoras e senhores
Pulem num pé só.
Senhoras e senhores
Dê uma rodadinha
e vá pro olho da rua!!!

Tum tum
Quem é?
Sou eu.
Pode entrar.
Olá!
Olá!
Smac!
Smac!

Fui no cemitério,
Tério
Tério
Tério

Era meia-noite,
Noite
Noite
Noite

Tinha uma caveira,
Veira
Veira
Veira

Ela era bonita,
Nita
Nita
Nita

Pirulito que bate bate,
Pirulito que já bateu,
Quem gosta de mim é ela,
Quem gosta dela sou eu.



FRASE FEITADAR UMA MÃO.

Significa ajudar alguém, fazer um favor a outra pessoa.

CONVERSA MOLE PRA BOI DORMIR.

É aquela conversa chata que não acaba mais, que dá sono e ninguém aguenta escutar. Ou então é quando uma pessoa está mentindo, querendo enganar, enrolar a gente.

BICHO-DE-SETE-CABEÇAS

Quer dizer um problema muito complicado.

DAR UM RISO AMARELO

Quer dizer ficar encabulado, sem graça.

PINTAR O SETE.

Quer dizer fazer muita bagunça.

DITADO POPULAR

- ☺ Duas cabeças pensam melhor do que uma.
- ☺ Em terra de cego quem tem olho é rei.
- ☺ Mais há quem suje a casa que quem a varra.
- ☺ Por fora, bela viola. Por dentro, pão bolorento.
- ☺ Roupa suja se lava em casa.

TRAVA-LÍNGUA

Três dragões graduados
e trinta trincos trincados.

Cacá quer caqui.
Que caqui Cacá quer?
Cacá quer qualquer caqui.

Se a aranha arranha a rã,
Se a rã arranha a aranha,
Como arranha a aranha a rã?
Como a rã arranha a aranha?

Assei chuchu num tacho sujo.

O rato roeu a roupa do rei de
Roma.

ACALANTO

Xô papão

Xô papão, de cima do telhado
Deixa esse menino
Dormir sono sossegado

Minha mãe
Mandou-me à feira
Comprar um vintém de pão
É de noite, está escuro
Tenho medo do papão

Canção recolhida em 1890, por Esther Pedreira de Cerqueira no interior da Bahia. O “papão”, assim como o “tutu”, é um ser que não tem forma. Garcia Lorca dizia que eles são abstrações poéticas que possibilitam à criança projetar neles seus medos mais comuns.



BRINQUEDO CANTADO

EU ERA ASSIM...

Quando eu era neném, neném, neném,
Eu era assim... Eu era assim

Quando eu era menina, menina, menina,
Eu era assim... Eu era assim

Quando eu era mocinha, mocinha, mocinha,
Eu era assim... Eu era assim

Quando eu era casada, casada, casada,
Eu era assim... Eu era assim

Quando eu era mamãe, mamãe, mamãe,
Eu era assim... Eu era assim

Quando eu era vovó, vovó, vovó,
Eu era assim... Eu era assim

Quando eu era caduca, caduca, caduca,
Eu era assim... Eu era assim

Quando eu era caveira, caveira, caveira,
Eu era assim... Eu era assim

Quando eu era neném, neném, neném,
Eu era assim... Eu era assim

Quando eu era menino, menino, menino,
Eu era assim... Eu era assim

Quando eu era mocinho, mocinho, mocinho,
Eu era assim... Eu era assim

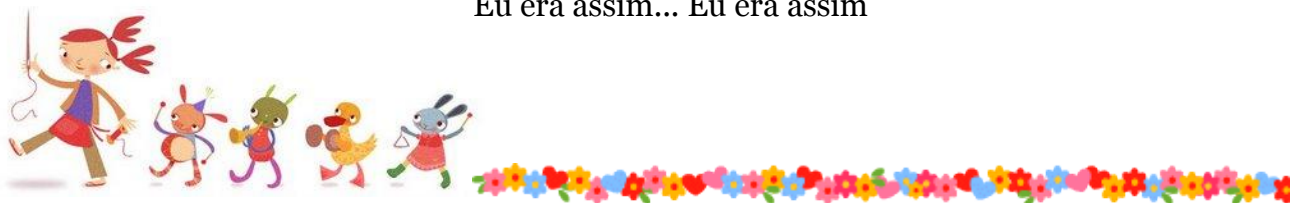
Quando eu era casado, casado, casado,
Eu era assim... Eu era assim

Quando eu era papai, papai, papai,
Eu era assim... Eu era assim

Quando eu era vovô, vovô, vovô,
Eu era assim... Eu era assim

Quando eu era caduco, caduco, caduco,
Eu era assim... Eu era assim

Quando eu era caveira, caveira, caveira,
Eu era assim... Eu era assim



**MATERIAIS UTILIZADOS COMO FONTE DE PESQUISA PARA
ELABORAÇÃO DESTA OFICINA:**

LIVROS:

Acalantos
Ilustrado por Ziraldo
Textos de José Mauro Brant
Linha infantil Proderm EMC Marketing Cultural
(acompanha CD com acalantos interpretados por Bia Bedran)

Armazém do folclore
Ricardo Azevedo
Editora Ática

Contos tradicionais do Brasil
Luís da Câmara Cascudo
Ediouro

Dicionário do folclore
Luís da Câmara Cascudo
Global

Meu livro de folclore
Ricardo Azevedo
Editora Ática

O pescador, o anel e o rei
Bia Bedran
Editora Lê

Quem canta seus males espanta
Caramelo

CDs:

Acalantos
Intérprete: Bia Bedran
Linha infantil Proderm EMC Marketing Cultural

Brinquedos cantados
Bia Bedran
Angelus Produções Artísticas



OFICINA: ADIVINHA ADIVINHÃO, O QUE É, O QUE É? DANIELA MENDES E RENATA TOMÉ

"...os contos são verdadeiras obras de arte. São uma grande arte que pertence ao patrimônio cultural de toda a humanidade e representam a visão do mundo, as relações entre o homem e a natureza sob as formas estéticas mais acabadas; aquelas que provocam precisamente o maravilhoso."

Jean-Marie Gillig.

Os contos populares são um precioso conjunto de formas literárias: contos de encantamento, quadras, ditados, lendas, casos, adivinhas, anedotas, frases feitas, parlendas, trava-línguas. Essa produção cultural tem sido recolhida por antropólogos, sociólogos, psicólogos e folcloristas e constitui um acervo bastante extenso e relativamente acessível. Também, representa uma relevante coleção de enredos, procedimentos com as palavras e concepções que precisaria ser mais bem compreendida e valorizada.

Desejando-se formar leitores no Brasil é necessário conhecer melhor e explorar sistematicamente esse imenso acervo no processo educacional, principalmente no caso de pessoas originárias ou vinculadas de alguma forma à tradição oral.

Vamos tratar nesta oficina sobre os *Contos de Adivinhação*. Alguns estudiosos há que preferiram incluir estes contos entre os enigmas propriamente ditos. Assim procedeu José Maria de Melo (*Enigmas populares*, Rio de Janeiro, Editora A Noite, 1950), empregando o título de "Contos de advinhas".

Teófilo Braga, talvez o primeiro escritor a focalizar o assunto em língua portuguesa ("As adivinhas populares". *Etnologia portuguesa*, 1880-1881), já deixou anotado que "a relação do enigma com o conto é ainda muito íntima e, por assim dizer, constitui um gênero". E acrescentou: "é um modo indireto da adivinha permanecer na tradição popular".

Consideramos que este gênero pode figurar entre os contos, como consta da classificação de Câmara Cascudo, como entre as adivinhas, como procedeu José Maria de Melo. Sendo intermediário, não tem seus limites definidos; por isso mesmo parece-nos não errar aquele que inclua os "contos de adivinhação" entre peças tradicionais narrativas ou enigmáticas.

A característica principal dos contos de adivinhação, conforme observou Câmara Cascudo, é que "a vitória do herói depende da solução de uma adivinhação, charada, enigma, tradução de gestos, decifração da origem de certos objetos"; em alguns casos uma "princesa casará com quem decifre um enigma proposto por ela", em outros, casará com quem lhe proponha uma adivinha que não seja por ela decifrada, ou, ainda, premiará o herói com um tesouro, em vez de casar-se com ele. Assim são os contos de adivinhação em sua maioria.

Ricardo Azevedo refere-se aos contos de adivinhação como: "A adivinha, portanto, pode ser considerada uma espécie de introdução à linguagem poética, mas mais que isso. Nas sociedades antigas, druidas e sacerdotes eram admirados justamente porque sabiam decifrar enigmas. Para esses povos, os enigmas traziam sempre um conhecimento sagrado sobre a vida e o mundo".

Com o desenvolvimento da civilização, o enigma ganhou dois sentidos diferentes: de um lado virou questão de filosofia ou de ciência, de outro, simples divertimento.

Examinando as adivinhas populares encontramos pequenas especulações que nos fazem meditar, compreender ou atentar melhor, sempre de maneira intuitiva e afetiva.

AZEVEDO, RICARDO. Contos de adivinhação: versões de contos populares. São Paulo: Ática 2008.

TEIXEIRA, FAUSTO. Contos de adivinhação. Disponível em:
<http://www.jangadabrasil.com.br/revista/maio78/im78005c.asp>



OFICINA: ADIVINHA ADIVINHÃO, O QUE É, O QUE É?

RESUMO: A oficina tem por objetivo desenvolver atividades de incentivo a leitura na perspectiva lúdica, oferecendo aos participantes a oportunidade de ler e brincar com os contos de adivinhação da nossa cultura popular.

DESENVOLVIMENTO:

1º MOMENTO: Música para sensibilização:

ADIVINHA O QUE É?

Quem adivinha o que é
Que cai em pé
E corre deitada
E faz a terra ficar molhada
Adivinha o que é?
- a chuva é que é!

Quanto mais se tira
Fica maior
Quanto mais se bota
Fica menor
O que é?
- um buraco qualquer

Que quanto mais
Você dá e divide
Mais cresce
Parece multiplicar
Quem adivinha o que é
- que é amar!

Tem asa, não voa nada
Tem bico, mas não dá bicada
Ave não é?
Adivinha o que é?
- bule de café!

Uma casinha branca
Sem porta, sem tranca
Nunca fica de pé?
Adivinha o que é?
- o ovo é que é!

MPB4
Composição: Renato Rocha

Link para baixar: <http://www.4shared.com/music/GBfzeRoE/file.html>

2º MOMENTO: Contação da história: “O rei que não sabia ser feliz” de Ricardo Azevedo.

3º MOMENTO: Refletindo sobre a importância do trabalho com os contos populares. Fundamentação baseada em Luís da Câmara Cascudo e Ricardo Azevedo.

4º MOMENTO: Apresentação de livros com alguns contos populares que podem ser trabalhados com os alunos.

5º MOMENTO: Solicitar que o grupo se divida e forme duas equipes, onde cada uma deverá resgatar na memória e registrar no papel ofício com piloto, adivinhas que brincavam quando eram pequenos.

6º MOMENTO: Utilizando uma caixa no formato de um dado, com desenhos de três símbolos (boca, ponto de interrogação e um balão com “ha ha ha”) cada participante deverá agir conforme orientação a seguir:

- ✓ **Boca:** O participante deverá recordar uma adivinha e falar para o grupo adivinhar.
- ✓ **Interrogação:** O participante deverá ler uma adivinha da caixa para o grupo responder.
- ✓ **Balão com “ha ha ha”:** O participante deverá ler a adivinha contendo a resposta e mediar à brincadeira.



O REI QUE NÃO SABIA SER FELIZ

Era um rei que não sabia ser feliz. Tinha os tesouros mais preciosos, as terras mais férteis e os exércitos mais poderosos. Morava num castelo prateado construído no alto de uma montanha. Mesmo assim, vivia triste, sombrio e amargurado.

Um belo dia, o tal monarca ouviu falar de um ferreiro muito pobre que morava num casebre com a mulher e um casal de filhos. O povo dizia que o sujeito, mesmo miserável e sem ter onde cair morto, vivia sempre risonho e animado. Anunciava e garantia para quem quisesse ouvir que era muito feliz.

O rei não quis acreditar:

_ Se eu que sou nobre, rico e poderoso vivo aflito, preocupado e cheio de problemas, como é que pode um zé-ninguém, um pé-rapado, um pobre coitado achar que pode ser feliz?

No fundo, o monarca sentiu uma mistura de raiva com dúvida e inveja. E logo teve uma idéia. Montou seu cavalo alazão, foi até a casa de ferreiro, mandou chamar o homem e disse:

_ É verdade que você é feliz?

_ Sim! – respondeu o ferreiro com os olhos cheio de luz.

_ Ah é? – respondeu o rei. – Então, quero ver se você adivinha:

O que é, o que é:
Tem no começo da rua
Vive na ponta do ar
Dobra no meio da terra
Morre onde acaba o mar?

O rei explicou que voltaria no dia seguinte. Se o ferreiro não adivinhasse ia para forca.

_ E se eu adivinhar? – perguntou o ferreiro, assustado.

_ Se adivinhar, fica tudo por isso mesmo!

Disse isso, deu risada, chicoteou o cavalo e partiu a galope.

Naquela noite, a filha do ferreiro sentiu que o pai estava muito preocupado. Conversa vai, conversa vem, o homem acabou desabafando e contando o que havia acontecido. Confessou que não sabia adivinhar. Achava que no dia seguinte ia morrer na forca. A filha do ferreiro deu risada.

_ Mas é tão simples! Aquilo que tem no começo da rua, vive na ponta do ar, dobra no meio da terra e morre onde acaba o mar é a letra R!

No dia seguinte, o ferreiro respondeu a adivinha e deixou o rei admirado.

_ Mas como você adivinhou?

_ Não fui eu – respondeu o homem sorrindo. – Foi minha filha!

O rei não se conformou:

_ Ah é? Então mata esta:

O que é, o que é:
Agarra, coça e atira
Escreve, pinta e inventa
Aperta, aponta e dá soco
Faz carinho e cumprimenta?

E repetiu o que havia dito da outra vez. Se o ferreiro adivinhasse, ficava tudo por isso mesmo. Se não adivinhasse, forca.

Naquela noite, a filha sentiu que o pai estava, de novo, muito aflito. Conversa vem, conversa vai, o homem acabou contando o que havia acontecido. Disse que não sabia adivinhar. Chorou. Achava que dessa vez ia mesmo morrer na forca. A filha do ferreiro deu risada.

_ Mas é tão simples! Aquilo que agarra, coça e atira, escreve, pinta, inventa, aperta, aponta, dá soco, faz carinho e cumprimenta é a mão!

No dia seguinte, o ferreiro respondeu a adivinha e deixou o monarca com a cara no chão.

_ Mas como você adivinhou?

_ Não fui eu – respondeu o homem sorrindo. – Foi minha filha!

O rei foi embora pensando:

_ Como será a filha do ferreiro?

Chegou no castelo e logo fez um plano. Mandou um criado à casa do ferreiro com um monte de perguntas. Queria dados, detalhes e informações a respeito da tal moça.

O criado foi. Bateu na porta. Quem atendeu foi a própria filha do ferreiro.



O criado perguntou:

– Cadê sua mãe?

E a moça:

– Foi ver quem nunca foi visto.

E o criado:

– Cadê o seu pai?

E a moça:

– Foi mijar pra trás.

E o criado:

– Cadê seu irmão?

E a moça:

– Foi tomar água que passarinho não bebe.

O criado do rei não entendeu nada, despediu-se e foi-se embora. Quando contou as respostas da filha do ferreiro, o rei ficou admirado:

– Mas é claro como um copo d’água! Se a mãe dela for ver quem nunca foi visto é porque deve ser parteira e foi ajudar uma criança a nascer. Se o pai foi mijar pra trás é porque deve ter desistido de algum negócio. Se o irmão foi tomar água que passarinho não bebe é porque deve estar bebendo cachaça com os amigos.

O rei era solteiro. Encantado com as respostas da moça, sentiu vontade de conhecê-la melhor. Deu ordens para irem buscá-la imediatamente.

Dito e feito.

Quando viu a filha do ferreiro em carne e osso, o tal monarca ficou mais encantado ainda. É que a moça era uma fruta preciosa de tão bonita e cheirosa.

O rei, então, pegou-a pelo braço e saiu mostrando os ares, belezas e lugares do castelo. Mas tarde, o casal sentou-se no jardim para trocar idéias e se conhecer melhor. Conversa vem, conversa vai, o rei ficou apaixonado de vez. No fim daquele mesmo dia, pediu a mão da moça em casamento.

A filha do ferreiro aceitou e o jovem monarca foi logo mandando preparar a festa, avisar o padre e escrever os convites. Depois, chamou a moça e avisou:

– Decidi me casar com você amanhã mesmo! Como vai ser minha mulher, quero que você hoje volte pra casa levando de presente a coisa mais valiosa que encontrar no castelo. Pode pegar o que quiser: pedras preciosas, anéis e colares de diamantes ou arcas cheias de moedas de ouro. De agora em diante, tudo que é meu é seu!

A moça sorriu agradecida.

– Prometo escolher uma coisa bem valiosa – disse ela -, mas antes queria tomar um pouco de vinho tinto.

Explicou que era para brindar o casamento mas, quando o rei se distraiu, colocou sete gotas de remédio no cálice. Bastou um gole para o monarca ficar zozinho, meio grogue, fechar os olhos e cair desmaiado com um sorriso parado no rosto.

Mais que depressa, a filha do ferreiro chamou os criados, mandou colocar o noivo numa carruagem, disse adeus e levou-o embora.

No dia seguinte, quando o rei acordou, não entendeu nada vezes nada.

– Quem sou eu? Onde estou? O que ouvi? Como assim? – gritava ele entre zangado e assustado. E depois: - Socorro! Me acudam! Fui seqüestrado!

Gritou e esperneou mas, olhando melhor, reconheceu o lugar e descobriu que tinha passado a noite na casa do ferreiro.

Foi quando a moça entrou no quarto e explicou tudo:

– Você não disse que eu podia trazer a coisa mais valiosa do castelo?

O monarca fez sim com a cabeça. E a filha do ferreiro:

– Pois bem. Pra mim, a coisa mais valiosa do castelo é você mesmo!

Ao ouvir aquelas palavras, o rei até inchou de tanta vaidade. Mas a alegria durou pouco. Fazendo cara feia, a moça continuou:

– Só caso com você se pedir desculpas a meu pai. Onde já se viu ameaçar de levar alguém pra forca só por causa de um capricho? Não quero saber de marido egoísta e invejoso que só sabe pensar em si mesmo e não liga pra mais ninguém! Quero me casar com um rei que tente melhorar, e não piorar, a vida de seu povo!

Pego de surpresa, o monarca deu o braço a torcer, vestiu a carapuça e reconheceu que tinha errado feio. Chamou o pai da noiva, ajoelhou-se arrependido e pediu perdão.

Dizem que o casamento do rei com a filha do ferreiro foi uma festança cheia de dança, comilança e esperança. Dizem também que só então aquele homem soube o que era ser feliz.



Ricardo Azevedo. Em: “Contos de Adivinhação: versões de contos populares”.



A ADIVINHA DO AMARELO

Um rei tinha uma filha tão inteligente que decifrava imediatamente todos os problemas que lhe davam. Ficou com essa habilidade, muito orgulhosa, e disse que se casaria com o homem que lhe desse uma adivinhação que ela não descobrisse a explicação dentro de três dias. Vieram rapazes de toda parte e nenhum conseguiu vencer a princesa que mandou matar os candidatos vencidos.

Bem longe da cidade morava uma viúva com um filho amarelo e doente, parecendo mesmo amalucado. O amarelo teimou em vir ao palácio do rei apresentar uma adivinha à princesa, apesar de rogos de sua mãe que o via degolado como sucedera a tantos outros.

Saiu ele de casa trazendo em sua companhia uma cachorrinha chamada Pita e um bolo de carne, envenenado, que lhe dera sua própria mãe. Andou, andou, andou, até que desconfiando do bolo o deu à Pita. Esta morreu logo. O amarelo, muito triste, jogou a cachorrinha no meio do campo e os urubus desceram para comê-la. Sete urubus morreram também. O amarelo com fome atirou com uma pedra em uma rolinha, mas errou e matou uma asa branca. Apanhou-a e sem deixar de andar ia pensando como podia comer sua caça quando avistou uma casinha. Era uma capela abandonada há muito anos. O amarelo entrou e aproveitando a madeira do altar fez uma fogueira e assou o pássaro, almoçando muito bem. Ao sair, viu que descia na água do rio um burro morto, coberto de urubus. Estando com sede, encontrou um pé de gravatá, com água nas folhas e bebeu a fartar. Quase ao chegar à cidade reparou em um jumento que escavava o chão com insistência. O amarelo foi cavar também e descobriu uma panela cheia de moedas de ouro. Chegando à cidade, procurou o palácio do rei e disse que tinha uma adivinhação para a princesa. Marcaram o dia, e o amarelo, diante de todos, disse:

*Saí de casa com massa e Pita
A Pita matou a massa
E a massa matou a Pita
Que também a sete matou
Atirei no que vi
Fui matar o que não vi
Foi com madeira santa
Que assei e comi
Um morto vivo levava
Bebi água, não do céu
O que não sabia a gente
Sabia um simples jumento
Decifre para seu tormento*

A princesa pediu os três dias para decifrar e o amarelo ficou residindo no palácio, muito bem tratado. Pela noite, a princesa mandou uma criada sua, bem bonita, tentar o amarelo para que lhe dissesse como era a adivinhação. O amarelo compreendeu tudo e foi logo dizendo:

- Só direi se você me der a sua camisa.

Vai a moça e deu a camisa ao amarelo, que contou muita história mas não explicou a adivinhação. A princesa, vendo que a criada nada conseguira, mandou a segunda e houve a mesma coisa, ficando o amarelo com outra camisa. Na última noite, a princesa procurou o amarelo para saber o segredo. O rapaz pediu a camisa e a princesa não teve outro remédio senão a entregar. No outro dia, diante da corte, a princesa explicou a adivinhação:

- Massa era o bolo que a cachorra Pita matou porque comeu e foi morta pelo bolo, matando envenenados os sete urubus. A rolinha escapara da pedrada, mas a asa branca morreria sem que o caçador a tivesse visto. Assou-a com madeira que guardara a hóstia santa. Um cadáver de burro levava, rio abaixo, uma nuvem de urubus vivos. A água que se conservava entre as folhas do gravatá, matara a sede do amarelo. O que não sabia o povo inteligente, sabia um jumento que cavava ouro ao pé de uma árvore.

Era tudo. Bateram muita palma, mas o amarelo disse logo:

*- O fim dessa adivinha é fácil e eu vou dizer logo,
antes que morra degolado!
- Quando neste palácio entrei
Três rolinhas encontrei
Três peninhas lhes tirei
E agora mostrarei...*

E foi puxando a camisa da primeira criada e mostrando. Fez o mesmo com a da segunda. Quando tirou a camisa da princesa, esta correu para ele, dizendo:

- Não precisa mostrar a terceira pena! Eu disse a adivinhação porque você me ensinou, e me ensinou porque é meu noivo...

Casaram e foram muito felizes.



Luís da Câmara Cascudo. Em: "Literatura oral no Brasil".

AS AVENTURAS DE JOÃO GRILLO

João Grilo era um cabra safado demais da conta. Passava o dia deitado na rede, pensando na vida, descansando e molengando.

– Vai trabalhar, filho! – dizia o pai.

– Vai trabalhar, filho! – dizia a mãe.

E João nada, só lá bem-bom:

– Não gosto de fazer o que a vontade não quer! – explicava ele bocejando e examinando as nuvens do céu.

Um belo dia, João Grilo deu um pulo da rede e avisou:

– Já sei. Vou ser adivinho!

Despediu-se do pai e da mãe e caiu no mundo.

Andou, andou, andou e chegou numa cidade. Viu três burros amarrados no muro do mercado. Correu, pegou os bichos e escondeu num matagal ali perto.

Depois voltou à cidade, foi até o mercado e espalhou que sabia adivinhar. Logo apareceu o dono dos burros. Estava aflito.

– Soube que você é adivinho – disse ele. – Roubaram meus três burrinhos. Se adivinhar onde eles estão eu pago um bom dinheiro.

– É comigo mesmo! – respondeu o malandro.

E fez cara de pensamento. E fechou os olhos. E franziu a testa. E se ajoelhou e rezou e de repente deu um pinote:

– Já sei!

Entrou no mato e mostrou onde os burros estavam.

Ganhou o dinheiro e foi embora todo risonho.

Aconteceu que notícia corre mais que pé-de-vento.

O rei daquele lugar soube que havia um adivinho de verdade na cidade e mandou chamá-lo urgente.

João Grilo foi. Encontrou o monarca muito preocupado.

– Roubaram as joias mais preciosas da rainha – disse ele. – Levaram tudo: colares, anéis, brincos e pulseiras de ouro puro.

E disse mais: se João adivinhasse onde estavam as joias, ganharia um saco de moedas de ouro. Em compensação, se não descobrisse, ia para a forca. Deu três dias para fazer a adivinhação.

João coçou a cabeça e fez um pedido. Queria passar os três dias num quarto confortável, com muita comida e bebida.

“Já que vou morrer mesmo”, pensou ele, “pelo menos passo meus três últimos dias enchendo a pança com comida e bebida da boa!”

E assim foi.

No fim do primeiro dia, quando o empregado do rei veio retirar a comida, João disse alto:

- O primeiro já passou.

Ele estava querendo dizer que o primeiro dia já tinha passado, mas o empregado saiu dali apavorado. Era um dos bandidos que tinham roubado as joias da rainha. Foi correndo avisar seu dois comparsas.

- Acho que o tal João Grilo é adivinho mesmo!

No fim do segundo dia, quando o outro empregado do rei veio retirar a comida, João disse alto:

- O segundo já passou.

Ele estava falando do segundo dia, mas o empregado saiu dali apavorado. Era o outro bandido que tinha roubado as joias. Foi correndo avisar seus dois comparsas.

- Acho que o tal João Grilo é adivinho no duro!

No fim do último dia, quando o terceiro empregado do rei veio retirar a comida e João disse alto: - O terceiro já passou -, o danado caiu de joelhos e confessou tudo. Pediu pelo amor de Deus. Que João não contasse nada para o rei. Jurou que os três iam devolver as joias.

Por dentro, João grilo ficou surpreso. Por fora, fez cara de grande adivinhão e ainda disse:

- Combinado, mas quero as joias da rainha, agorinha mesmo, aqui na mão!

- No dia seguinte, quando o rei apareceu e viu as joias, quase chorou de alegria.

- Você é adivinho de verdade!

E deu para João um saco cheio de moedas de ouro. Mas antes resolveu fazer um último teste. Foi até a cozinha do palácio e pegou o rabo de uma porca que estava sendo preparada para virar almoço. Voltou, chamou João e disse:



_ Quero ver se você é bom mesmo. Adivinhe o que eu tenho na mão.

João Grilo se apavorou e respondeu:

_ Agora é que a porca torceu o rabo!

O rei arregalou os olhos.

_ Adivinhou!

E, assim, João Grilo pegou suas coisas e foi embora cheio de ouro e muito dinheiro.

Foi, foi, foi e chegou noutra cidade. Soube que o rei do lugar tinha uma filha muito bonita que queria se casar. Mas só casava com quem conseguisse responder quatro perguntas do rei.

João Grilo encheu o peito:

_ Mas eu sou adivinhão!

E foi direto para o palácio procurar o tal rei.

Do trono, o monarca examinou João Grilo de cima a baixo e quis saber:

_ Qual é seu nome?

João mentiu:

_ Me chamo João Baratão.

E o rei:

_ Saiba, João Baratão, que, se conseguir responder às quatro perguntas. Casa com a princesa.

Mas fez cara de ameaça:

- Agora, se errar, vai direto pro cemitério!

Por dentro, João sentiu um friozinho na espinha. Por fora, respondeu com voz firme de grande mestre na arte de adivinhar:

Vamos lá, majestade, diga logo quais são as quatro perguntas!

O rei insistiu:

_ Muita gente já tentou e tive que mandar cortar o pescoço!

E João:

_ Vai perguntar ou não vai?

E o rei:

_ Então segura esta: qual é o peso da Terra?

João Grilo pensou um pouco e respondeu:

_ Mande tirar todas as pedras e árvores do mundo que eu peso a Terra e depois digo.

O rei gostou da resposta. E fez a segunda pergunta:

_ Quanta água existe no mar?

João pensou um pouco e respondeu:

_ Mande parar todos os rios do mundo para eu calcular!

O rei gostou da resposta. E fez a terceira pergunta:

_ Quantas estrelas existem no céu?

João pensou um pouco e respondeu:

_ Três trilhões, trezentas e trinta e três mil e trinta e três vírgulas três.

O rei ficou surpreso:

_ Como você sabe?

E João:

_ É certeza! Pode mandar contar, ué!

O rei gostou da resposta. E fez a última pergunta. Mas antes avisou:

_ É a mais cabeluda. Preste muita atenção: o que é o que eu estou pensando agora?

João Grilo nem vacilou:

_ Está pensando que sou o João Baratão, mas eu sou é o João Grilo!

Todos deram risada. O rei aprovou a resposta. A princesa, que tinha assistido a adivinhação, sorriu satisfeita. Tinha adorado o jeito alegre, sabido e adivinhão de João Grilo.

O rei mandou fazer uma festa daquelas. Os pais do João foram convidados. Teve sanfoneiro, forró e tudo. Dizem que foi tanta alegria, tanta dança e tanta comilança que a festança varou sete dias e sete noites.

*Eu também fui convidado
Pra você trouxe um docinho
Mas como eu sou esganado
Comi tudo no caminho!*



Ricardo Azevedo. Em: “Contos de Adivinhação: versões de contos populares”.



OS SETE PARES DE SAPATO DA PRINCESA

Era uma vez um reino em que havia uma princesa que gastava sete pares de sapato por noite. Ninguém podia explicar esse mistério. Vai então Joãozinho, um rapozote que andava correndo mundo e que saíra de casa com a bênção do pai, tinha chegado a essa terra e ouviu falar desse misterioso caso. O rei daria a mão da princesa em casamento a quem descobrisse tudo como era. Mas quem o tentasse e não descobrisse – era ali na certa – daria a cabeça a degolar. Muitos já tinham experimentado e recebido o grande castigo. Mas Joãozinho que era moço de muita confiança, em suas orações pediu a sua madrinha, Nossa Senhora, que o protegesse, e apresentou-se em palácio.

Foi uma dificuldade para falar ao rei, mas por fim avistou-se com Sua Majestade, e vai então disse-lhe que estava pronto para decifrar o mistério. O rei avisou-o do que lhe havia de acontecer se não descobrisse. Ele aceitou, mas com a condição de dormir num aposento que se comunicasse com o da princesa. Ficou tudo combinado. Mas a princesa veio a saber, e ordenou à aia que pusesse dormideira no chá de Joãozinho. Dito e feito! Mas o rapaz, que era esperto, fez que bebeu, mas lançou fora o chá.

Quando se acomodaram, Joãozinho fingiu que dormia, e até roncava para melhor fingir. Mas olho esperto! E até tinha anotado que debaixo da cama da princesa havia um bauzinho de folha, fechado, de onde, de vez em quando, saía um ruído.

Lá pela meia noite ouviu uma voz. Era da princesa, que chamava:

- Calicote! Calicote!

De dentro do baú saiu um diabinho!

- É hora! É hora, princesa!

A princesa vestiu-se num momento. Pôs no bauzinho meia dúzia de pares de sapato, os quais pares, com que tinha nos pés, faziam sete.

O diabinho pegou do baú e saiu pela janela com a princesa. Logo depois saiu Joãozinho, muito escoteiro. Lá fora havia uma carruagem toda dourada, com cavalos pretos arreados de ouro e prata.

O Calicote e a princesa tomaram assento no carro. Joãozinho saltou para a traseira do trole, que partiu à toda.

Lá adiante apareceu de repente um campo todo de flores de bronze. Joãozinho apanhou uma, examinou-a encantado e guardou-a no bernal que levava a tira colo.

Mais adiante atravessaram outro campo, mas agora as flores eram de prata; depois outro campo de flores de ouro; outro de flores de diamantes; outro de flores de rubi; e outro de flores de esmeralda.

Era mesmo uma lindeza! Joãozinho de cada um apanhava uma flor e metia no bernal, sempre mais encantando e admirado daquele mistério.

Por fim chegaram a um rico palácio, como não há na Terra. Todo alumiado e com um jardim de maravilhas, com flores de toda casta de ricos metais e pedras preciosas. Tocava uma música que era uma coisa sobrenatural. Criadagem toda de libré. Convidados ricamente vestidos, todos pareciam príncipes e princesas.

Os recém- chegados uniram-se aos outros convivas e foram todos para mesa da sala de jantar, onde havia um grande banquete. Joãozinho achou jeito de saltar uma das janelas e colocar-se debaixo da mesa.

De vez em quando algum dos convidados deixava cair um osso de peru ou de galinha, e Joãozinho apanhava e metia no bernal. Para encurtar logo depois começou o baile. E a cada contradança que a princesa dançava com algum dos convidados, rompia um par de sapatos que Calicote lançava para o canto, trocando-os por outros que trouxera no bauzinho. Mas Joãozinho era esperto e ia se apoderando de um pé de botina estragado quando estava para darem duas horas a princesa disse:



- Calicote! É hora!

- Sim, princesa, vamos!

Foram tomar o trole, acompanhados até a porta pelos convidados. E Joãozinho, já se sabe – upa! para traseira, com seu bornal bem sortido.

Foi uma disparada só, e quando deram duas horas já todos estavam nos seus aposentos. E o trole tinha desaparecido.

Calicote entrou para o bauzinho, que foi escondido debaixo da cama.

Quando amanheceu já o rei estava aflito para saber da solução do enigma.

Quando Joãozinho saiu do quarto, foi logo chamado à presença do rei, e disse:

- Saiba Vossa Real Majestade que a resposta que lhe será dada hoje, à hora do jantar, e peço que seja dado um banquete e sejam convidados o senhor bispo e a princesa.

O rei sorriu-se daquele estranho pedido. Mas, querendo ter paciência até o fim, mesmo porque não deixava de estar curioso, deu o banquete, a que compareceu toda a alta fidalguia.

O jantar ia correndo sem novidade, quando, à hora da sobremesa, Joãozinho levantou-se e brindou a princesa, dizendo que lhe queria oferecer misteriosas e ricas prendas. E disse:

- No jardim deste palácio haverá flores de bronze?

E tirou do bornal, que escondera debaixo da casaca, a flor de bronze.

A princesa empalideceu, e ele colocou a flor sobre a mesa.

- Haverá flores de prata? Flores de ouro? De diamante? De rubi? De esmeralda? – e ia colocando as flores sobre a toalha.

- E pés de galinha de prata? E pés de peru de ouro? Haverá?

Todos estavam deslumbrados por ver tais coisas nunca vistas, e a princesa ia se tornando cada vez mais pálida. Mas Joãozinho continuava:

- E este sapato, conhecerá Vossa Alteza? E este? E mais este?

E ia mostrando cada sapato, até o número de sete.

- Pois tudo isto pertence a Vossa Alteza.

Já então a princesa tinha desmaiado e estava sendo socorrida, mas Joãozinho correu ao quarto, trouxe o bauzinho e pediu ao senhor bispo que o benzesse. O bispo benzeu-o, e o baú deu um estouro, e desprendendo-se no ar um cheiro de enxofre que ninguém podia suportar.

Quando a princesa abriu os olhos, voltando a si, exclamou, cheia de alegria:

- Graças a Deus, estou livre!

Tinha perdido aquele mal fado que uma fada infernal lhe tinha posto, quando tinha doze anos, com inveja da sua grande beleza.

Todos festejaram o feito de Joãozinho, que se casou, daí por pouco, com a princesa, vivendo todos muito felizes.

E ele tudo agradeceu à sua boa madrinha, Nossa Senhora da Conceição Aparecida e, Deus louvado, acabou-se a história.

Henriqueta Lisboa.

Em: “Literatura oral para infância e juventude: lendas, contos e fábulas populares no Brasil”.



ADIVINHAS

O que é, o que é?
Sua vida é o inverso,
É sempre grande ao nascer,
Mas depois de escrever versos,
Bem pequeno vai morrer?
Resposta: O lápis



O que é, o que é?
Tem no começo da rua,
Vive na ponta do ar,
Dobra no meio da terra,
Mora onde acaba o mar?
Resposta: Letra R

O que é, o que é?
Não é corda e é comprida,
Quando quebra dói demais.
Em geral dobra no meio
E tem a barriga pra trás?
Resposta: perna



O que é, o que é?
Esse animal tão raro
De manhã tem quatro pés,
De tarde vai com dois pés
E de noite usa só três?
Resposta: a criança, o homem
e o velho de bengala.

O que é, o que é?
Quem tem prefere não ter,
Fica triste e quase chora.
Travesseiro tem por dentro,
Mas galinha tem por fora?
Resposta: Pena



O que é, o que é?
Ele é mudo, surdo e cego,
Satisfaz toda a vaidade,
Muito embora sendo mudo,
Sempre só diz a verdade?
Resposta: o espelho

O que é, o que é?
Atenção aos três irmãos:
O primeiro já morreu,
O segundo vive aqui,
O terceiro não nasceu?
Resposta: o passado, o presente e
o futuro.

O que é, o que é?
Enche uma casa completa,
Mas cabe dentro da mão.
Amarrado pelas costas,
Entra e sai sem ter portão?
Resposta: Botão



O que é, o que é?
Enquanto come ele vive,
Quanto mais come mais corre,
Toda vez que bebe água,
Não tem jeito, sempre morre?
Resposta: fogo

O que é, o que é?
Tem bico, mas não belisca,
Tem boca, mas não é gente,
Tem asa, mas nunca voa,
Tem chapéu e vive quente?
Resposta: O bule



O que é, o que é?
Mesmo parada onde estou,
Andam por cima de mim.
Ao mesmo tempo me gostam,
No fim todos vem para mim?
Resposta: a terra

O que é, o que é?
Deus dá na primeira vez,
Na segunda vez Deus dá,
Na terceira quem quiser
Que se vire e vá comprar?
Resposta: Os dentes

O que é, o que é?
Gosta de nadar no rio,
Não é peixe e nem tem cara,
É capim sem ser capim,
É vara e nunca foi vara?
Resposta: a capivara.

O que é, o que é?
Separa as coisas do mundo,
Na terra manda e desmanda,
Sobe morro, desce morro,
Vive parada e não anda?
Resposta: a cerca



O que é, o que é?
Tira a roupa
E mostra os dentes,
Tira os dentes
Mostra o corpo?
Resposta: O milho

HISTÓRIAS COM UMA PONTINHA DE MEDO **CRISTIANE DANTAS E IZABEL DOCECK**

Ler e contar histórias são práticas que despertam nas crianças a curiosidade, imaginação criativa e a ludicidade, além de estimulá-las a refletir sobre temas delicados e complexos da experiência humana. Quando estas práticas se tornam regulares, fazem com que as crianças ampliem seu repertório de histórias, conheçam o funcionamento da linguagem escrita e, principalmente, encontrem espaço para expressar suas inquietações e medos.

O medo está presente em muitas histórias da tradição oral, que tinham como objetivo alertar sobre situações de perigo do cotidiano da criança. Podemos citar como um exemplo clássico a personagem do Lobo em Chapeuzinho Vermelho que nos remete ao perigo de falar com estranhos. Neste enredo bruxas, madrastas, lobisomem, mula-sem-cabeça, fazem parte de um círculo de medos do escuro, de morrer, da sombra, do abandono.

Não é só nas histórias que o medo se revela; este sentimento está presente também em nosso cotidiano, como nos remete Gens (2010). Difícil encontrar alguém que não tenha passado por um momento de horror ou tenha, por meio da mídia, contato com imagens violentas como guerras, assassinatos e roubos. A curiosidade gerada pelo medo do desconhecido, segundo a autora, desperta a sensação de susto e repulsa, ou seja, as pessoas se fascinam pelo que repelem.

Desta forma, sustos, suspense, revelações, presentes nas narrativas de terror estão intimamente atrelados aos comportamentos e vivências, suscitando a emoção e a fantasia pelo enredo do medo. Compreende-se assim, o interesse das crianças e jovens por histórias macabras, visto que

por meio do suspense e do susto, a leitura pode acordar crianças leitoras e leitores jovens, permitindo respaldar a aventura do crescimento, sem pânico de amadurecer. O poder da fantasia, com seus perigos e recompensas, leva à possibilidade de entender o medo, de experimentá-lo na fabulação e suplantá-lo. (GENS 2010, p. 81)

Não podemos deixar de lembrar que durante muito tempo os adultos utilizavam-se de personagens monstregas e perigosas para amedrontar as crianças, bem como seres do nosso folclore e/ou de lendas urbanas que circulam na internet. Boi-da-cara-preta, bicho-papão, a loira do banheiro, a mulher de branco, o homem do saco desfilaram em nossa infância e continuam povoando o universo narrativo atual.

Estes mitos ou lendas urbanas geralmente são histórias de terror baseadas em fatos reais que vêm sofrendo modificações ao longo dos anos. Em uma mistura de realidade e fantasia, estas narrativas, disseminam-se rapidamente, assustando e, muitas vezes, criando pânico e desconforto em crianças e jovens, mas sobretudo despertando um fascínio e alimentando o imaginário popular.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

GENS, Rosa. **Leitura(s) do Medo**. In Literatura infantil e juvenil na prática docente. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2010.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação do leitor**. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Contaçõ de estórias: vida e realidade**. In Contadores de histórias: um exercício para muitas vozes. Rio de Janeiro: s. ed, 2011.



OFICINA: HISTÓRIAS COM UMA PONTINHA DE MEDO

“A mãe do medo é a incerteza,
e o pai do medo é o escuro.
Enquanto houver escuro no mundo, haverá medo.
E enquanto houve medo,
haverá monstros como os que você vai ver.”

Monteiro Lobato

1º MOMENTO - Música para sensibilização, entregar a letra da música colada em cartolina preta, com adesivos com motivos do tema medo.

CANÇÃO DA MEIA NOITE

Quando a meia noite me encontrar
Junto a você
Algo diferente vou sentir
Vou precisar me esconder
Na sombra da lua cheia
Esse medo de ser
Um vampiro, um lobisomem, um saci Pererê

Dona senhora meia noite eu canto
Essa canção anormal
Dona senhora essa lua cheia

Meu corpo treme
Que será de mim?
Que faço força pra resistir
A toda essa tentação
Na sombra da lua cheia
Esse medo de ser
Um vampiro, um lobisomem, um saci Pererê

Composição: Zé Flávio
Música: Almôndegas

Link para baixar a música:

<http://www.4shared.com/mp3/bh3nDthY/Almndegas - Cano da meia noite.htm>

2º MOMENTO - Leitura do pot-pourri de histórias de medo:

“Na antiga França vivia um menino que adorava passear ao luar. Para ele, a noite era um período mágico e, embora seus pais não gostassem desses passeios, quando a lua estava cheia, ele não conseguia ficar em casa. Foi justamente numa dessas noites que acabou chegando ao bosque das bruxas. Ele estava caminhando pela mata quando ouviu uma estranha melodia e resolveu descobrir de onde ele vinha. Porém, nesse instante uma sombra passou por ele. O menino virou-se a tempo de ver o que era: um homem imenso, todo peludo, com cabeça de lobo – um lobisomem!”

“...numa noite sem lua, ia um homem por uma estrada deserta e sombria. Nela havia um cemitério muito velho. Tão velho e maltratado que algumas ossadas estavam até à mostra, dando ao lugar um aspecto assustador.

Quando o homem passou pelo dito cemitério, avistou uma caveira quase à beira do caminho. Teve uma ideia sem ver nem pra quê: resolveu testar sua coragem diante do sobrenatural. Aproximou-se e, agachando-se, deu uma pancadinha com o nó do dedo no crânio alvo, perguntando, em tom de brincadeira:

- Caveira, quem a matou?”

“A mulher fechou bem a porta e disse aos meninos que não saíssem de casa por nada, que o tal bicho andava por lá. Os três meninos morriam de medo dele, pois quem já tinha topado com o bicho dizia que ele era a coisa mais feia e assustadora do mundo:

- Um bicho grande, metade homem, metade animal, que tem uma cabeça enorme. Ele não tem boca, o que tem é um buraco nas costas, onde joga os meninos que come. O Kibungo abaixa a cabeça, pega o menino e joga nas costas, certinho dentro do buraco, que faz a vez de boca.”

“Não era peixe, não, mas um afogado, com uma veste preta como de monge.

O pescador desenganchou o anzol.

- Coitado, sobrou apenas o esqueleto.

O afogado respondeu:

- Bom dia. Eu sou a Morte.

O pescador deu dois passos para trás.

A Morte se levantou, as vestes encharcadas grudadas nos ossos.”

“Na outra margem do rio, havia um homem. Ele estava em pé, usava uma roupa escura e balançava qualquer coisa na mão direita. Meus brincos!, pensou a menina. O desconhecido fez sinal com a outra mão para que ela fosse pegá-los. Mariazinha não titubeou, atravessou o rio. A noite já começava a se espalhar pelo céu, fazendo com que ela mal pudesse enxergar as pedras. Quando chegou à outra margem, viu que o homem tinha na mão um grande saco aberto, mas aí já era tarde... Num ímpeto, ele agarrou a menina, jogou-a dentro do saco... e a noite caiu.

Na beira do rio, as lavadeiras já tinham recolhido toda a roupa lavada e voltado para casa. Só a mãe da menina torcia as mãos aflita e chamava:

- Mariazinha! Mariazinha!

Quando a mãe, enfim, soube que a filha não voltaria mais, agarrou a roupa e, com a alma encharcada de dor, voltou para casa.

Dentro da noite, um homem caminhava com seu saco às costas. A menina era leve e chorava baixinho.”



“Fez-se um minuto de eterno silêncio e logo depois Maria Angula viu o resplendor fosforescente de um fantasma. Um grito surdo e prolongado paralisou-a.

- Maria Angula, devolva as minhas tripas e o meu estômago, que você roubou da minha sepultura!

Maria Angula sentou-se na cama, horrorizada, e, com os olhos esbugalhados de tanto medo, viu a porta se abrir, empurrada levemente por essa figura luminosa e descarnada.

A mulher perdeu a fala. Ali, diante dela, estava o defunto, que avançava mostrando-lhe o seu semblante rígido e o seu ventre esvaziado.

- Maria Angula, devolva as minhas tripas e o meu estômago, que você roubou da minha sepultura!

Aterrorizada, escondeu-se debaixo das cobertas para não vê-lo, mas imediatamente sentiu umas mãos frias e ossudas puxarem-na pelas pernas e arrastarem-na...”

“Noite escura no mato. Estrada de terra sem vitalma. O vento gemendo pelos galhos e as nuvens passando nervosas, querendo chover.

Um homem vem vindo lá longe. Devagarinho. Sem lua nem estrela para iluminar a viagem. Vem de sacola pendurada no ombro e, na mão, um pau de matar cobra.

Trovoada. Os pingos da chuva principiam a cair. O viajante aperta o passo. Na curva, dá com uma casa abandonada. Cai um raio de despedaçar árvore. A chuva aperta. Na porta da tapera tem uma cruz desenhada. O homem não quer saber de nada. Mete o pé na porta e entra.

Dentro, um pouco de tudo. Pedacos de mobília, tigelas, troços e trecos jogados no escuro.

O viajante faz fogo.

Agachado, tira um pedaço de carne da sacola e bota para assar. Está morto de fome. Deita no chão e solta o corpo, esperando a comida ficar pronta.

A chuva vai minguando. O mato fica quieto.

De repente, o telhado range. De lá de cima, um gemido rabisca o ar:

- Gaspar!”

“- Eu sou o Espírito das Águas. Moro em seu poço e protejo a casa. Não pense que seus problemas acabaram. As bruxas voltarão. Você precisa se preparar. Faça o seguinte: lave os pés de seus filhos numa bacia e depois ponha a bacia com a água na soleira da porta. Pegue o bolo em que as bruxas tocaram, dê um pedaço dele a seus filhos e depois ponha-o também na soleira da porta. Por fim, coloque uma trava de madeira na porta.

As bruxas retornaram na mesma noite. Mas, quando chegaram à soleira da porta...”

“E mandou o filho buscar a sanfona, e convidou a mulher para dançar. Ela, é claro, não quis saber de dançar com o defunto, que cheirava pior que gambá.

O morto nem ligou. Começou a dançar sozinho. De repente a mulher viu que um dedo dele estava caindo, e ordenou:

- Toca mais rápido, menino!

Assim que o ritmo se acelerou, caiu outro pedaço.

- Mais depressa, que eu também vou dançar – ela resolveu.

E começou a requebrar e saltar e jogar a perna para o alto e balançar a saia.

O marido, animado, tratava de acompanhar as piruetas da mulher, e enquanto isso o corpo dele desmoronava. Até que só ficou a caveira pulando no chão, batendo o queixo.

A mulher caprichou uma pirueta, a caveira imitou e o queixo desmontou. Pronto.”

Histórias dos trechos destacados acima: O lobisomem bondoso, A lição da cadeira, Kibungo, A morte e o pescador, Canta, canta, meu surrão, Maria Angula, Gaspar, eu caio!, A noite das bruxas, Dançando com a morte.

3º MOMENTO - Reflexão sobre a temática (Fundamentação Teórica) e apresentação de livros de contos populares com enredo de medo;

4º MOMENTO - Dinâmica da atividade:

- Separar o grupo em dois subgrupos. Em cada grupo será escolhido um componente para ser transformado em um *MONSTRO VIVO*;
- Será oferecido um saco para cada subgrupo, com objetos e acessórios para a criação do *MONSTRO VIVO*. Ex: Chapéu e nariz de bruxa, capas de cores escuras, bichos peçonhentos de material variados, dentaduras plásticas, maquiagens, etc.
- Cada grupo irá escrever uma história que tenha como personagem principal o “monstrego” criado. Uma pessoa do grupo fará o registro escrito da história.
- Voltar à formação inicial para a leitura e apresentação dos Monstros e das histórias.

Variações da dinâmica em sala de aula:

- No trabalho com os alunos pode ser criado mais de um *MONSTRO VIVO*. Na criação da história, para os alunos dos anos iniciais, pode-se propor apenas a contação oral da história criada e fazer o registro com filmagem ou criar um texto coletivo tendo o professor como escriba. Para os alunos que já tem prática de escrita, pode-se propor o registro escrito da história criada (em duplas, em grupo, ou coletivo).
- Pedir que os alunos retirem do saco um objeto ou acessório e conte uma história que tenha relação com o mesmo, pode ser alguma lembrança de algo que o amedronta, de alguma outra história que ele ouviu ou um fato que ele vivenciou.
- Propor que os alunos investiguem as lendas urbanas que circulam na comunidade escolar e/ou na família produzindo o registro dos relatos utilizando-se de várias linguagens e manifestações artísticas.



A LIÇÃO DA CAVEIRA

Há muito tempo, numa noite sem lua, ia um homem por uma estrada deserta e sombria. Nela havia um cemitério muito velho. Tão velho e maltratado que algumas ossadas estavam até à mostra, dando ao lugar um aspecto assustador.

Quando o homem passou pelo dito cemitério, avistou uma caveira quase à beira do caminho. Teve uma ideia sem ver nem pra quê: resolveu testar sua coragem diante do sobrenatural. Aproximou-se e, agachando-se, deu uma pancadinha com o nó do dedo no crânio alvo, perguntando, em tom de brincadeira:

- Caveira, quem a matou?

Como era de se esperar, não ouviu nenhuma resposta. Mas ele continuou com o gracejo:

- Caveira, quem a matou? – Nada outra vez. Então ele a apanhou, levou à altura do rosto e, dando vigorosas sacudidas, repetiu a pergunta.

Dessa vez, porém, foi diferente. Movendo a queixada esbranquiçada, a caveira lhe respondeu num tom soturno:

- Foi minha lííííínguaaa!

Por aquilo o homem não esperava. Tomado pelo pavor, largou imediatamente o macabro objeto e afastou-se impressionado com o que acontecera. Beliscou-se. Não estava louco; nem sonhando. A caveira realmente havia falado. Tinha certeza daquilo. Olhou para trás e a avistou. Parecia encará-lo com aqueles enormes buracos escuros. Um arrepio percorreu-lhe a espinha. Caminhou o resto da noite até que, o amanhecer, chegou a um lugarejo.

Casebres espalhados, velhos e malcuidados; parecia que a vilazinha havia parado no tempo, imersa numa atmosfera estranha. Naquela hora da manhã as pessoas começaram a sair das casas para os seus afazeres diários. Ao notarem a presença do desconhecido, dele se aproximaram, cheios de curiosidade.

Pois bem. Mal abriu a boca foi ele logo dizendo que tinha ouvido uma caveira falar no velho cemitério. E o povo dali, muito influenciável, tornou aquilo a principal notícia do dia. Tão impressionados ficaram que, certa manhã, formando uma pequena multidão, foram pedir ao forasteiro que os levasse ao cemitério e repetisse a façanha.

O homem, satisfeito com a fama que havia adquirido no seio daquele povo simples e ingênuo que o tinha como um santo milagroso, e crente de que conseguiria repetir o estranho feito, aceitou o pedido da comitiva. Partiram, então, imediatamente para o lugar onde ocorrera o fenômeno.

Era mais de meio-dia quando chegaram ao local.

Ali o forasteiro organizou todo o povo em círculo, no meio do cemitério. Apanhou a mesma caveira que havia largado dias antes e, para impressionar a excitada plateia, gritou com uma voz rouca e profunda.

- Caveira, quem a matou?

Nada.

- Caveira, quem a matou? – repetiu.

Outra vez, nenhuma resposta. O povo, inquieto, começou a se rebelar e o homem, já nervoso, explicou que antes a caveira só lhe respondera quando havia feito a pergunta pela terceira vez. Todos, então, se acalmaram aguardando cheios de expectativas. Já suado e nervoso, tornou a gritar:

- Vamos, caveira, responda para esta gente! Quem a matou?

Mais uma vez, porém, o silêncio foi a resposta.

Dessa vez um silêncio mortal. O homem percebeu, assustado, a multidão que se sentiu ludibriada caminhar em sua direção. Olhos vidrados, expressão furiosa nos rostos, andavam lentamente, como uma turba de mortos-vivos. Pegavam o que podiam no chão: paus, pedras, restos de cruzeiros, ossos. Enquanto fechando o cerco em redor do assombrado estranho, esbravejavam, em coro, chamando-o de mentiroso, embusteiro e enganador.

O povo enfurecido parecia dominado por alguma força sobrenatural. Usando os objetos como armas, investiu contra o forasteiro. Foi um massacre. Nada deteve a multidão, que, a cada súplica do infeliz, parecia mais revoltada.

Depois do ataque, cada agressor retirou-se do local. Lá abandonaram aos abutres o corpo do forasteiro.

Quando, ao cair do sol, o local voltou a ficar deserto e silencioso, a caveira, então, soltou uma estridente gargalhada e disse:

- Eu não falei que a língua matava?

Flávio Moraes. Em: “Sete contos de arrepiar”.



CANTA, CANTA, MEU SURRÃO

Esta história aconteceu há muitos e muitos anos, num tempo em que os homens ainda se encontravam com os anjos.

Mariazinha morava com sua mãe, que era lavadeira. Naquele dia, a mãe juntou a roupa da semana, pegou a filha pela mão e seguiu com a menina para a beira do rio. Quando lá chegaram, outras lavadeiras já estavam no local. A tarde era fresca, e elas cantavam:

*Encontrei Nossa Senhora
Na beira do rio,
Lavando os paninhos
Do seu bento filho.*

*Nossa Senhora lavava;
São José estendia.
Menino chorava
Do frio que sentia.*

Enquanto a mãe e as companheiras lavavam as roupas ao som da canção, Mariazinha brincava, pulando de pedra em pedra. A água, muito convidativa, cantava também. A menina resolveu entrar no rio. Tirou seus brincos de ouro, colocando-os em cima de uma pedra, e mergulhou. A água era limpa como o céu e deixou a menina muito feliz.

Depois de se divertir muito naquelas águas, começou a trilhar o caminho de volta, pois a tarde caía e sua mãe já devia estar preocupada. Quando estava quase chegando, lembrou-se dos brincos! Voltou o mais rápido que pôde, à luz dos últimos raios de sol que iluminavam o rio. Porém os brincos não estavam lá.

Na outra margem do rio, havia um homem. Ele estava em pé, usava uma roupa escura e balançava qualquer coisa na mão direita. Meus brincos!, pensou a menina. O desconhecido fez sinal com a outra mão para que ela fosse pegá-los. Mariazinha não titubeou, atravessou o rio. A noite já começava a se espalhar pelo céu, fazendo com que ela mal pudesse enxergar as pedras. Quando chegou à outra margem, viu que o homem tinha na mão um grande saco aberto, mas aí já era tarde... Num ímpeto, ele agarrou a menina, jogou-a dentro do saco... e a noite caiu.

Na beira do rio, as lavadeiras já tinham recolhido toda a roupa lavada e voltado para casa. Só a mãe da menina torcia as mãos aflita e chamava:

- Mariazinha! Mariazinha!

Quando a mãe, enfim, soube que a filha não voltaria mais, agarrou a roupa e, com a alma encharcada de dor, voltou para casa.

Dentro da noite, um homem caminhava com seu saco às costas. A menina era leve e chorava baixinho. Andaram por muito tempo. De manhã bem cedo, o homem pôs o saco no chão e disse:

- Menina, agora você é minha. Vai cantar todas as vezes que eu bater no saco com o meu bordão. Eu vou dizer: canta, canta, meu surrão! E você vai cantar. Vou ganhar muito dinheiro.

Carregando o surrão, o homem foi até a praça do mercado.

- Venham, senhoras e senhores, venham todos ouvir o surrão que canta.

E o homem bateu no saco:

- Canta, canta, meu surrão! Se não eu lhe dou com a força do bordão!

E a menina cantou:

*No meu surrão ficarei,
No meu surrão morrerei
Por causa dos brincos de ouro
Que lá no rio deixei!*

O público ficou encantado com a beleza daquele canto triste.

E por meses a fio, o homem andou com o seu saco às costas. A cada pancada, a menina cantava:

*No meu surrão ficarei,
No meu surrão morrerei
Por causa dos brincos de ouro
Que lá no rio deixei!*

Até que voltaram ao começo, à cidadezinha perto do rio onde as lavadeiras trabalhavam. Quis o destino que o homem fosse parar bem na porta da casa da menina. A mãe, que já tinha chorado mais lágrimas do que todas as águas do rio, para distrair sua tristeza, quis ouvir o surrão cantar:

*No meu surrão ficarei,
No meu surrão morrerei...*

Foi naquele momento que sua garganta secou, seu sangue correu mais depressa e seu coração se encheu de amor. Era a voz de sua filha.

A lavadeira era uma mulher sábia, por isso permaneceu calma e convidou o homem para almoçar. Mas, como acabara a farinha no instante em que fritava uns bolinhos, pediu:



- O senhor podia fazer o favor de ir à venda buscar um pouco de farinha?

Quando o homem saiu, ela desamarrou o saco, tirou rapidamente a filha de lá de dentro e viu: a menina estava tão pequenina e frágil que, como um passarinho, cabia toda no seu colo.

- Mãe, faz tanto tempo que eu não vejo o sol, mãe! Mãe, você é o meu sol.

As duas se abraçaram e choraram. As lágrimas lavaram a noite que ainda estava nos olhos de Mariazinha.

Mas a mãe tinha pressa. O homem devia estar voltando. Escondeu a filha na cesta de roupa limpa, pegou o saco vazio, levou até o quintal e foi colocando dentro toda espécie de porcaria: cocô de penico, lagartixa morta, catarro de vizinho doente, banha de fazer sabão, lavagem de porco, baba de cachorro, vômito de gente.

O homem voltou com a farinha. A mãe acabou de fritar os bolinhos e pôs tudo na mesa. Uma garrafa de vinho deixou o homem um pouco tonto, mesmo assim pôs seu saco às costas, agradeceu e partiu. No final da tarde, chegou a uma cidadezinha onde havia um burburinho na praça principal. Era um grupo de pessoas reunidas em volta de um macaquinho que dançava e tirava a sorte num realejo.

Ótimo, pensou o homem, o meu público já está reunido, é só começar o espetáculo.

- Venham, senhoras e senhores, ouvir o surrão que canta. É o único em toda a face da Terra. Jamais verão outro igual.

Logo todos se esqueceram do macaco para ouvir tamanha novidade. O homem se pôs a frente do público e bateu no saco:

- Canta, canta, meu surrão! Se não eu lhe dou com a força do bordão!

Silêncio.

- Canta, canta, meu surrão! Se não eu lhe dou com a força do bordão!

E o silêncio continuava.

- Canta, canta, surrão!

Nada. Nenhum som saída lá de dentro. Então o homem bateu no saco de verdade, com toda a força.

- Canta, canta, surrão!

Foi aí que subitamente começou o espetáculo. Era tanta porcaria a sair do saco! O homem, fora de si, não parava de bater: e era caco de vidro e era cocô de penico... e era catarro e era baba... e era o homem gritando e era o público rindo... e era o saco explodindo. O homem ficou soterrado debaixo de toda aquela porcaria. O público foi saindo, saindo... ele ficou ali, abandonado. Até que a noite caiu. Nunca mais ninguém ouviu falar dele.

Na beira da cama, Mariazinha, banho tomado, camisola limpa, barriguinha cheia, ouviu uma história. O quarto está todo dourado de amor.

- Era uma vez uma história do tempo em que os homens ainda se encontravam com os anjos...

José Mauro Brant. Em: “Enquanto o sono não vem”.

A NOITE DAS BRUXAS

Certa noite, bateram à porta e uma tranquila dona de casa a abriu, deparando-se com um bando de bruxas chifradas, que entraram, uma atrás da outra. Quando a última delas entrou, a dona de casa as contou e viu que, em sua sala, havia doze bruxinhas chifradas rindo e conversando sem parar. Tentou falar, mas percebeu que estava muda: havia sido enfeitiçada. Nisso, uma bruxa lhe deu uma ordem:

- Estou com fome, prepare um bolo.

A dona de casa obedeceu.

Outra lhe disse:

- Estou com sede, mulher, traga-me água do poço.

A dona de casa foi até o poço carregando um balde. Quando se debruçou para apanhar água, ouviu uma voz chamá-la. Era uma noite sem luar e ela não via ninguém. A voz lhe disse:

- Vá até o lado de sua casa que aponta para o Norte e grite três vezes: “A montanha das bruxas pegou fogo!”.

Ela cumpriu a ordem. Quando as bruxas ouviram seus gritos, começaram a guinchar e rodopiar. Apanharam as vassouras e sumiram no céu. Então, a dona de casa lembrou-se da voz misteriosa. Quem a teria ajudado? E a voz lhe disse:

- Eu sou o Espírito das Águas. Moro em seu poço e protejo a casa. Não pense que seus problemas acabaram. As bruxas voltarão. Você precisa se preparar. Faça o seguinte: lave os pés de seus filhos numa bacia e depois ponha a bacia com a água na soleira da porta. Pegue o bolo em que as bruxas tocaram, dê um pedaço dele a seus filhos e depois ponha-o também na soleira da porta. Por fim, coloque uma trava de madeira na porta.

As bruxas retornaram na mesma noite. Mas, quando chegaram à soleira da porta, viram a bacia com água suja.

- Saia daí, água suja! – gritaram.

- Não posso – respondeu a água. – Derramei na grama, sou de quem me ama.

- Saia daí, trava de madeira!

- Não posso! – respondeu a trava. – Estou trancada, toda atravancada!

- Saia daí, bolo!

- Não posso – respondeu o bolo. – Estou doce e cremoso. Sou todo do menino guloso.

As bruxas desapareceram, mas deixaram cair um manto que ficou pendurado numa cerca. Já se passaram quinhentos anos e o manto continua guardado num baú secreto, escondido num quarto na casa dessa mesma família.

Helóisa Prieto. Em: “Lá vem história”.



A MORTE E O PESCADOR

Há muito tempo, quando os bichos falavam e a Lua não vinha da Ásia, um pescador viveu uma tremenda fase de azar: por meses não conseguiu pegar nem mesmo uma sardinha. A mulher dele alimentava os onze filhos com sopas de raízes e capim. Mas até as raízes e o capim estavam acabando. Então, pra completar, nasceu o filho número doze.

O pescador olhou o menino e disse, antes de ir para o mar:

- Se não pegar nada hoje, desisto. Vou para a cidade. Com sorte arrumo um emprego. Senão, viro mendigo.

A mulher não disse nada.

O pescador procurou um lugar onde nunca tinha ido antes. Era perigoso, com rochas a pique, as ondas batendo com força. Ele preparou o anzol e o jogou o mais longe que pôde.

Na mesma hora sentiu o peso na linha, o caniço vergando.

- Fisguei um – o pescador disse alegre. – É dos grandes.

Recolheu a linha com todo o cuidado. Não era peixe, não, mas uma velha gadanha.

O pescador atirou a gadanha numas moitas e resolveu continuar pescando. Mal o anzol foi ao fundo, o pescador sentiu o peso na linha e o caniço se vergando. Dessa vez não ficou alegre. Simplesmente recolheu a linha.

Não era peixe, não, mas um afogado, com uma veste preta como de monge.

O pescador desenganchou o anzol.

- Coitado, sobrou apenas o esqueleto.

O afogado respondeu:

- Bom dia. Eu sou a Morte.

O pescador deu dois passos para trás.

A Morte se levantou, as vestes encharcadas grudadas nos ossos.

- Calma, pescador. Ainda não é sua hora.

Encorajado o pescador perguntou:

- O que você fazia no fundo do mar?

- Tive muito trabalho esta noite, num navio pirata. Ele naufragou bem ali. No meio da tormenta, perdi a gadanha. Procurava por ela quando você me fisgou.

- Está ali – o pescador disse, mostrando a moita.

A morte pegou a gadanha, deu uma examinada e disse:

- Está perfeita. Muito obrigada. Quero recompensar você. Precisa de alguma coisa?

- Olhe, preciso de tanta coisa que nem sei o que dizer.

- Peça a mais importante.

- Preciso de uma madrinha para meu filho que nasceu hoje.

A Morte ficou pensativa por um momento.

- Aceito. Como presente para meu afilhado, dou um conselho a você: jogue seu anzol ali, onde as duas ondas se encontram.

Dito isso, a Morte foi embora. O pescador, sem entender, obedeceu. Mas não pegou nenhum peixe. Só sacos com moedas de ouro – doze sacos, como se fosse uma para cada filho.

Rico com o tesouro do pirata, o pescador deu uma grande festa para o filho menor. A Morte compareceu. Não aceitou nem um doce, nem uma bebida – batizou o menino e foi embora. Na saída, disse ao pai:

- Se ele precisar de alguma coisa, me chame.

Não precisou. O menino era saudável, alegre e muito traquinas.

Passaram-se tantos anos que o pescador até se esqueceu da comadre. Uma tarde, passeando pela praia, viu alguém sobre uma duna, as vestes pretas abanando ao vento. Quando chegou mais perto reconheceu a gadanha na mão direita, contra o céu.

- Então, comadre, há quanto tempo.

- Eu esperava por você.

- Chegou a minha hora?

- Chegou.

- Posso pedir um favor, já que somos compadres?

- Depende. Se for coisa rápida...

- Gostaria de rezar, antes que você me levasse.

- Pode rezar.

- Me leva só depois, comadre?

- Só depois.

- Pai Nosso que... – o pescador disse e se calou.

- E o resto, compadre?

- O resto eu digo outra hora.

- Você sabe que não adianta tentar me enganar – a Morte disse.

- Sei, sei. Mas a vida tem sido boa. Ainda tenho muita coisa pra fazer.

- Então até daqui a pouco, compadre.

A Morte se virou e sumiu atrás da duna.

O pescador voltou para casa, pensando sem parar. Não sabia mais como viver. Fazia tudo que lhe desse na cabeça ou continuava do mesmo jeito? Devia retardar sua morte por um ano ou dez, por dez ou cem?

Estava tão distraído que tropeçou num morto, na praia.

- Pobre homem – o pescador disse. – Morreu afogado.

E, sem nem se dar conta, rezou por ele. Quando disse a última palavra, o morto se levantou. Era a Morte.

- Vamos, compadre.



Ernani Ssó. Em: “Contos de morte morrida: narrativas do folclore”.



MARIA ANGULA

Maria Angula era uma menina alegre e viva, filha de um fazendeiro de Cayambe. Era louca por uma fofoca e vivia fazendo intrigas com os amigos para jogá-los uns contra os outros, Por isso tinha fama de leva-e-traz, linguaruda, e era chamada de moleca fofoqueira.

Assim viveu Maria Angula até os dezesseis anos, dedicada a armar confusão entre os vizinhos, sem ter tempo para aprender a cuidar da casa e preparar pratos saborosos.

Quando Maria Angula se casou, começaram os seus problemas. No primeiro dia, o marido pediu-lhe que fizesse uma sopa de pão com miúdos, mas ela não tinha a menor ideia de como prepará-la.

Queimando as mãos com uma mecha embebida em gordura, acendeu o carvão e levou ao fogo um caldeirão com água, sal e colorau, mas não conseguiu sair disso: não fazia ideia de como continuar.

Maria lembrou-se então de que na casa vizinha morava dona Mercedes, cozinheira de mão cheia, e, sem pensar duas vezes, correu até lá.

- Minha cara vizinha, por acaso a senhora sabe fazer sopa de pão com miúdos?

- Claro, dona Maria. É assim: primeiro coloca-se o pão de molho em uma xícara de leite, depois despeja-se este pão no caldo e, antes que ferva, acrescentam-se os miúdos.

- Só isso?

- Só, vizinha.

- Ah – disse Maria angula -, **mas isso eu já sabia!** – E voou para sua cozinha a fim de não esquecer a receita.

No dia seguinte, como o marido lhe pediu que fizesse um ensopado de batatas com toicinho, a história se repetiu:

- Dona Mercedes, a senhora sabe como se faz o ensopado de batatas com toicinho?

E como da outra vez, tão logo a sua boa amiga lhe deu todas as explicações, Maria Angula exclamou:

- Ah! É só? **Mas isso eu já sabia!** – E correu imediatamente para a casa a fim de prepará-lo.

Como isso acontecia todas as manhãs, dona Mercedes acabou se enfezando. Maria Angula vinha sempre com a mesma história: “Ah, é assim que se faz o arroz com carneiro? **Mas isso eu já sabia!** Ah, é assim que se prepara a dobradinha? **Mas isso eu já sabia!**” Por isso a mulher decidiu dar-lhe uma lição e, no dia seguinte...

- Dona Mercedinha!

- O que deseja, dona Maria?

- Nada, querida, só que o meu marido quer comer no jantar um caldo de tripas e bucho e eu...

- Ah, mas isso é fácil demais! – disse dona Mercedes. E antes que Maria Angula a interrompesse, continuou:

- Veja: vá ao cemitério levando um facão bem afiado. Depois espere chegar o último defunto do dia e, sem que ninguém veja, retire as tripas e o estômago dele. Ao chegar em casa, lave-os muito bem e cozinhe-os com água, sal e cebolas. Depois de ferver uns dez minutos, acrescente alguns grãos de amendoim e está pronto. É o prato mais saboroso que existe.

- Ah! – disse como sempre Maria Angula. – É só? **Mas isso eu já sabia!**

E, num piscar de olhos, estava ela no cemitério, esperando pela chegada do defunto mais fresquinho. Quando já não havia ninguém por perto, dirigiu-se em silêncio à tumba escolhida. Tirou a terra que cobria o caixão, levantou a tampa e... Ali estava o pavoroso semblante do defunto! Teve ímpetos de fugir, mas o próprio medo a deteve ali. Tremendo dos pés à cabeça, pegou o facão e cravou-o uma, duas, três vezes na barriga do finado e, com desespero, arrancou-lhe as tripas e o estômago. Então voltou correndo para casa. Logo que conseguiu recuperar a calma, preparou a janta macabra que, sem saber, o marido comeu lambendo-se os beiços.

Nessa mesma noite, enquanto Maria Angula e o marido dormiam, escutaram-se uns gemidos nas redondezas. Ela acordou sobressaltada. O vento zumbia misteriosamente nas janelas, sacudindo-as, e de fora vinham uns ruídos muito estranhos, de meter medo a qualquer um.

De súbito, Maria Angula começou a ouvir um rangido nas escadas. Eram os passos de alguém que subia em direção ao seu quarto, com um andar dificultoso e retumbante, e que se deteve diante da porta. Fez-se um minuto de eterno silêncio e logo depois Maria Angula viu o resplendor fosforescente de um fantasma. Um grito surdo e prolongado paralisou-a.

- Maria Angula, devolva as minhas tripas e o meu estômago, que você roubou da minha sepultura!

Maria Angula sentou-se na cama, horrorizada, e, com os olhos esbugalhados de tanto medo, viu a porta se abrir, empurrada levemente por essa figura luminosa e descarnada.

A mulher perdeu a fala. Ali, diante dela, estava o defunto, que avançava mostrando-lhe o seu semblante rígido e o seu ventre esvaziado.

- Maria Angula, devolva as minhas tripas e o meu estômago, que você roubou da minha sepultura!

Aterrorizada, escondeu-se debaixo das cobertas para não vê-lo, mas imediatamente sentiu umas mãos frias e ossudas puxarem-na pelas pernas e arrastarem-na gritando:

- Maria Angula, devolva as minhas tripas e o meu estômago, que você roubou da minha sepultura!

Quando Manuel acordou, não encontrou mais a esposa e, muito embora tenha procurado por ela em toda parte, jamais soube do seu paradeiro.

Conto da tradição oral equatoriana, versão de Jorge Renán de La Torre.

Em: “Contos de Assombração”.



DANÇANDO COM A MORTE

A viúva estava na cozinha com o filho, contando feliz o dinheiro que tinha encontrado debaixo do colchão, quando o marido, falecido fazia meses, apareceu e veio sentar-se à mesa com eles. A mulher não se intimidou:

- O que é que você está fazendo aqui, seu miserável?! Me dá paz! Você está morto! Trate de voltar para debaixo da terra.

- Nem pensar – disse o morto. – Estou me sentindo vivo.

A mulher mandou o filho buscar um espelho. Entregou ao morto para que ele visse a sua cara de cadáver.

- É... Estou abatido. Deve ser falta de exercício – disse o falecido.

E mandou o filho buscar a sanfona, e convidou a mulher para dançar. Ela, é claro, não quis saber de dançar com o defunto, que cheirava pior que gambá.

O morto nem ligou. Começou a dançar sozinho. De repente a mulher viu que um dedo dele estava caindo, e ordenou:

- Toca mais rápido, menino!

Assim que o ritmo se acelerou, caiu outro pedaço.

- Mais depressa, que eu também vou dançar – ela resolveu.

E começou a requebrar e saltar e jogar a perna para o alto e balançar a saia.

O marido, animado, tratava de acompanhar as piruetas da mulher, e enquanto isso o corpo dele desmoronava. Até que só ficou a caveira pulando no chão, batendo o queixo.

A mulher caprichou uma pirueta, a caveira imitou e o queixo desmontou. Pronto.

Mais que depressa, a mulher mandou o filho buscar um baú para guardar os pedaços do marido:

- Põe tudo que é dele, filho. Tudo. Que eu vou procurar uns pregos e um martelo.

Dali a pouco ela voltou e caprichou nas marteladas, para que o morto nunca mais escapulisse.

Enterraram o defunto de novo. Depois jogaram bastante cimento em cima.

Só no dia seguinte a viúva lembrou do dinheiro do marido, que ele tinha deixado em cima da mesa.

- Cadê!?!

- Uai, mãe! Não era para guardar no baú tudo que fosse dele?

Angela-Lago. Em: “Sete histórias para sacudir o esqueleto”.

O LOBISOMEM BONDOSO

Na antiga França vivia um menino que adorava passear ao luar. Para ele, a noite era um período mágico e, embora seus pais não gostassem desses passeios, quando a lua estava cheia, ele não conseguia ficar em casa. Foi justamente numa dessas noites que acabou chegando ao bosque das bruxas. Ele estava caminhando pela mata quando ouviu uma estranha melodia e resolveu descobrir de onde ele vinha. Porém, nesse instante uma sombra passou por ele. O menino virou-se a tempo de ver o que era: um homem imenso, todo peludo, com cabeça de lobo – um lobisOMEM!

Morrendo de curiosidade, o garoto deixou o medo de lado e seguiu o lobisOMEM floresta adentro. Viu-o dirigir-se até uma clareira onde havia um estranho círculo e, dentro dele, bruxas horríveis dançavam sem parar. Era o sabá, a terrível reunião das bruxas. Serpentes de fogo desciam dos céus, dragões imensos sobrevoavam as bruxas, sapos caíam por terra. O menino começou a ficar com medo. “E se uma delas me descobrir? Será que serei comido vivo?, pensou. E nesse momento a lua brilhou com tanta intensidade que ele pôde reconhecer o lobisOMEM: era Jean, o ferreiro da vila.

O susto foi tão grande que o menino ficou paralisado quando o lobisOMEM o viu de longe e depressa aproximou-se dele. O garoto tinha certeza de que seu fim havia chegado, de que seus pais tinham razão, ele deveria ter ficado em casa, mas quando Jean lhe dirigiu a palavra, teve ainda outra surpresa:

- Calma, garoto. Eu vim para ajudá-lo. Não quero que você se torne um prisioneiro das bruxas como eu. Sabe, elas podem se tornar muito lindas. Eu me apaixonei por uma delas e, quando percebi o que estava acontecendo, era tarde demais. Agora sou metade homem, metade animal. Mas, nesses anos de feitiço, pude ver e aprender muitos dos truques das bruxas. Sei que só uma criança pode me libertar do feitiço do lobisOMEM. Você me ajuda?

O menino concordou em ajudar seu pobre amigo e os dois elaboraram um plano. Depois, o lobisOMEM o levou de volta para casa. Na noite seguinte, o garoto regressou à clareira para cumprir o combinado. O lobisOMEM apareceu e lhe entregou uma espada mágica:

- Você deve me ferir na frente da rainha das bruxas, meu amiguinho. Eu ficarei parado à espera de seu golpe. Mas você precisará de coragem para atravessar o círculo do mal.

Em seguida, o lobisOMEM desapareceu e o menino se viu sozinho, na mata cheia de bruxas, apenas com uma espada na mão. Mesmo assim, ele caminhou corajosamente até clareira. Ouviu a mesma estranha melodia e viu os mesmos seres tenebrosos sobrevoando a dança das bruxas. Continuou a caminhar e permitiu que as bruxas e monstros o avistassem.

- Uma criança! – gritou uma delas. – Hoje teremos um belo jantar!

Apavorado, o menino respirou fundo e continuou a caminhar. A gritaria era terrível e seus cabelos foram quase queimados pelas chamas dos dragões, mas mesmo assim ele prosseguiu até encontrar seu amigo, o bom lobisOMEM, sentado diante da mais medonha das bruxas. Sem dizer uma única palavra, o menino levantou a espada e fez um pequeno corte no braço do lobisOMEM. No mesmo instante, desapareceu tudo.

- Você me salvou, meu menino! Você quebrou o feitiço! – disse o ferreiro, emocionado.

E foi assim que um pequeno menino libertou um forte ferreiro do feitiço da rainha das bruxas, por quem um dia ele havia se apaixonado.



Heloísa Prieto. Em: “Lá vem história outra vez”. (História do folclore francês)

GASPAR, EU CAIO!

Noite escura no mato. Estrada de terra sem vivalma. O vento gemendo pelos galhos e as nuvens passando nervosas, querendo chover. Um homem vem vindo lá longe. Devagarinho. Sem lua nem estrela para iluminar a viagem. Vem de sacola pendurada no ombro e, na mão, um pau de matar cobra.

Trovoada. Os pingos da chuva principiam a cair. O viajante aperta o passo. Na curva, dá com uma casa abandonada. Cai um raio de despedaçar árvore. A chuva aperta. Na porta da tapera tem uma cruz desenhada. O homem não quer saber de nada. Mete o pé na porta e entra.

Dentro, um pouco de tudo. Pedacos de mobília, tigelas, troços e trecos jogados no escuro.

O viajante faz fogo.

Agachado, tira um pedaço de carne da sacola e bota para assar. Está morto de fome. Deita no chão e solta o corpo, esperando a comida ficar pronta.

A chuva vai minguando. O mato fica quieto.

De repente, o telhado range. De lá de cima, um gemido rabisca o ar:

- Gaspar!

O homem estremece. Aperta os dentes. A luz do fogo é fraca. Não dá para ver nada.

A voz chama e chama.

- Gaspar!

Já passa da meia-noite. Quem será? A voz insiste:

- Gaspar!

O viajante pensa em fugir. Mas, e a carne? E o frio? E a chuva ameaçando cair? Encolhido num canto, o homem arrisca:

- Quem está aí?

A voz, no telhado, continua grossa:

- Gaspar!

- Quem está aí?

- Gaspar!

- Quem está aí? – pergunta o homem.

A voz então diz: - Gaspar... Eu caio!

- Pois caia! – responde o viajante.

Estrondo. Espanto. Uma coisa despenca lá de cima – catapram – e caio no chão.

Os olhos do homem crescem de pavor.

É um pé. A ossada de um pé. E vem com os dedos mexendo!

A voz boia no ar:

- Gaspar!

O homem treme.

- Eu caio!

- Pois caia! – grita o homem de novo.

Catapram. Vem outro pé. Cai e vai se arrastando para junto do primeiro.

- Gaspar!

O viajante respira curto. A cada resposta sua, desabam do forro pernas, coxas, tronco, braços e mãos de um esqueleto que vai se formando no chão.

O esqueleto começa a dançar.

A luz do fogo desenha sombras estranhas no casebre.

- Gaspar! Gaspar! Gaspar!

A voz grossa voa cada vez mais alto.

- Eu caio!

- Pois caia! – berra o viajante, sentindo sua hora chegar.

E então – ploct – uma cabeça cai lá do alto.

Meio de medo, meio de raiva, o homem chuta a caveira longe.

O corpo descarnado fica zangado. Para a dança, agacha e cuidadoso, enfia o crânio no pescoço. Depois, lambuza a carne que assa o fogo com seu cuspe escuro.

O sangue do viajante ferve. Estava morto de fome. A carne era tudo o que havia para comer. O homem cata o pau de matar cobra.

- Pra mim chega! - De olhos fechados, mergulha sobre o esqueleto dando soco e pancada. O morto gargalha. Os dois rolam atacadados pelo chão da tapera.

A luta vara a noite. O homem bate, chora e sangra. O esqueleto range os dentes.

Os dois quebram tudo, apagam o fogo com o corpo e vão parar do lado de fora, rugindo na lama.

O tempo passa. Um golpe seco estala no mato. Silêncio.

O morto suspira e cai.

O viajante continua de pé, vitorioso. Passa o braço machucado sobre o rosto.

Do chão, a caveira pede para o homem cavar um buraco no pé de uma árvore.

O homem responde:

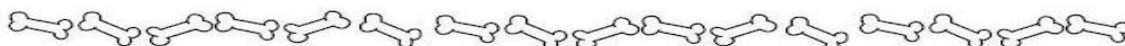
- Nem nunca!

Em seguida, vai até a árvore e trepa num galho bem alto.

Abatido, o esqueleto pega e cavuca ele mesmo. Tira do buraco fundo um tacho cheio de ouro e prata. Depois, olhando para o homem pendurado na árvore, solta um gemido e some no vento.

O viajante fica onde está. Manhã nascendo no mato. Seu peito mexe com força, indo e vindo. Olha as mãos sujas de sangue. Estrada de terra sem vivalma. A roupa rasgada. O suor. O sol avermelhado sopra uma brisa quente entre as folhagens. O homem sente o corpo dóido e leve. Olha a tapera. Tem vontade de rir, cantar, conversar com alguém. Salta aliviado do galho, junta as coisas e vai embora.

Ricardo Azevedo. Em: “Meu livro de folclore”.



KIBUNGO

As histórias do Kibungo também eram para assustar as crianças menores, mas eram tão assustadoras que até nós, os maiores, ficávamos com medo.

Era uma vez um homem que tinha três filhos. Ele morava lá pras bandas do Juazeiro, na Bahia.

Um dia, quando ele saiu pra trabalhar, achou por bem dizer à mulher que não abrisse a porta pra ninguém:

- Viu, mulher, andam dizendo que o Kibungo anda por aqui, atrás de menino pra comer. Tome cuidado porque o bicho é esperto.

E lá se foi o homem trabalhar no roçado.

A mulher fechou bem a porta e disse aos meninos que não saíssem de casa por nada, que o tal bicho andava por lá. Os três meninos morriam de medo dele, pois quem já tinha topado com o bicho dizia que ele era a coisa mais feia e assustadora do mundo:

- Um bicho grande, metade homem, metade animal, que tem uma cabeça enorme. Ele não tem boca, o que tem é um buraco nas costas, onde joga os meninos que come. O Kibungo abaixa a cabeça, pega o menino e joga nas costas, certinho dentro do buraco, que faz a vez de boca.

Aconteceu de a mulher do homem precisar ir ao quintal pra lavar roupa, e na hora exatinha em que ela abriu a porta deu com um bicho enorme se aproximando da casa. Tentou fechar a porta, mas o medo era tanto que ela ficou paralisada. O Kibungo, esperto feito uma raposa, não entrava em casa de gente sem saber quem é que estava dentro, pois ele morria de medo de levar um tiro de espingarda. Primeiro ele fingia que era de paz e tentava emendar uma prosa com a pessoa:

- Mulher, de quem é essa casa?

E a mulher respondeu:

- É do meu marido.

E o Kibungo continuou:

- E de quem são esses filhos que estão lá dentro?

E a mulher respondeu:

- São meus.

Então ele disse:

- Quero comê-los!

E a mulher, já enfeitiçada, respondeu:

- Pode comer!

E o Kibungo esticou os braços enormes, pegou os três de uma só vez, jogou no buraco das costas e comeu. Depois perguntou à mulher:

- E você, mulher, de quem é?

A pobre respondeu:

- Sou do meu marido.

E a fera falou:

- Então vou comê-la também.

E assim fez: agarrou a mulher e quando ia jogá-la nas costas, dentro do buraco, chegou o marido, armado com uma espingarda. O Kibungo, morrendo de medo, entrou na casa, pensando em fugir pela porta dos fundos. Acontece que a casa do homem só tinha uma porta, e o homem deu muitos tiros de espingarda na fera, que morreu na hora.

Então, o homem olhou dentro do buraco nas costas do Kibungo e viu que os filhos ainda estavam vivos. Retirou todos os três lá dentro e acabou-se a história.

*Georgina Martins. Em: “Quem mandou não acreditar”.
Coleção Conte Reconte.*



DEIXA DE LENGALENGA E VEM CONTAR
PATRÍCIA GÓES E FÁTIMA FRANÇA

BREVE COMENTÁRIO SOBRE CULTURA POPULAR

O Brasil é um país imenso cheio de gente que viaja para lá e para cá. Muitas pessoas saem do Nordeste para viver no Pará, Santa Catarina, Tocantins, Rio de Janeiro, Rondônia, Amapá, Goiás e outros lugares. Famílias inteiras partem da região Sul e vão morar no Ceará, Maranhão, Pernambuco ou Amazonas. Tem gente nascida em São Paulo ou Minas Gerais em quase todos os estados brasileiros. Muitos paranaenses, baianos, alagoanas, capixabas, sergipanos, cariocas e acreanos fazem a mesma coisa. Essas pessoas sempre partem com o sonho de construir uma vida melhor. Além de roupas e objetos pessoais, levam na bagagem sua cultura regional, ou seja, suas tradições, seu jeito de falar, as lembranças, as histórias que ouviram na infância, os versinhos e as adivinhas que aprenderam com as avós, as crenças, as brincadeiras e até o modo de preparar as comidas.

É preciso lembrar que boa parte dessas tradições veio de longe, de Portugal, da África, de outros países da Europa e até da Ásia. Mas também veio de perto; das culturas de nossos vários povos indígenas. No fundo, a chamada cultura popular brasileira é formada por várias e várias culturas regionais (nunca esquecendo que numa mesma região convivem diversas culturas), nascidas, basicamente, a partir de tradições europeias, africanas e indígenas, espalhadas e misturadas pelo país afora. Isso faz com que seja possível ouvir a mesma história no Rio Grande do Norte e no Rio Grande do Sul. Encontrar pessoas preparando um típico prato mineiro em Roraima ou no Piauí. Ou assistir a uma dança gaúcha em pleno Mato Grosso. Ou a uma cantoria paraibana nas ruas de São Paulo. Essa maravilhosa mistura cultural é o Brasil. Por causa dela, nosso país tem a unidade que tem, fala a mesma língua e se entende tão bem.

Texto retirado do livro “Cultura da Terra” de Ricardo Azevedo.



OFICINA: DEIXA DE LENGALENGA E VEM CONTAR

1º MOMENTO: Iniciar com apresentação de um baú. E comentar sobre o tesouro que contem. Instigar o grupo a descobrir que espécie de riqueza há nele. Pedir a um participante que abra o baú permitindo que todos se apropriem do conteúdo. Comentar sobre as riquezas. No interior do baú entre “moedas de ouro e joias” encontrarão vários contos acumulativos e facécias que são uma herança de todos os povos.

2º MOMENTO: Em duplas, os participantes farão a leitura dos contos (facécias e acumulativos). Divisão dos grupos de acordo com as espécies de contos.

3º MOMENTO: Um grupo irá participar de uma contação de história - grupo A - feita por Fátima França (“A velha furunfunfelha”) e outro grupo verá um vídeo: “A velha a fiar” (considerado o primeiro videoclipe brasileiro) – Grupo B.

Link para o vídeo: <http://www.youtube.com/watch?v=JzCMGI7VCv8>

4º MOMENTO: O grupo A deverá escolher um conto para apresentação em quadros vivos com a presença de um narrador.

5º MOMENTO: Já o grupo B assistirá ao vídeo e fará uma apresentação do conto com mímicas ou com desenhos, gravuras feitos pelos participantes. Variante da Proposta: Produzir um conto acumulativo usando os elementos da cartela e transformá-lo em um conto autoral. Incluir durante a contação músicas ou gestos.

6º MOMENTO: Sorteio de livros e distribuição de lembranças.

“Cultura Popular é aquela que até certo ponto nós nascemos sabendo. Qualquer um de nós é mestre que sabe, conta mitos, lendas, versos, superstições, que sabe fazer, cantar, apertar a mão, bater palmas e tudo quanto caracteriza a cultura anônima e coletiva.”

(Fonte: <http://almanaque.folha.uol.com.br/leituras>)



FACÉCIAS

São histórias que o povo conta, ingênuas, engraçadas, por vezes com nuances de crueldade. Caracteriza a Facécia não apenas o humorismo, mas as situações imprevistas, materiais e morais. A constante psicológica será a imprevisibilidade, o imprevisto do desfecho, da palavra ou da atitude do personagem. Nelas aparecem o dito jeitinho, absurdos, busca por justiça, muitas vezes preconceitos. No dicionário a palavra facécia significa Chiste, graça, brincadeira, pilhéria. Esses contos foram registrados por Câmara Cascudo, em especial, no livro: “Facécias: Contos Populares Divertidos”.

O CEGO QUE NÃO ERA BOBO

Era uma vez um cego que andava mendigando de porta para porta para poder sobreviver. Muito prudente, do pouco que ganhava ainda conseguia economizar algumas moedas, que enterrava nos fundos de sua casinha, junto à raiz de um carvalho.

Um dia, seu vizinho percebeu que ele escondia ali alguma coisa. Sorrateiro, à noite, o espertalhão foi até lá, cavou a terra e roubou as moedas.

Dali a uns dias, quando o cego voltou ao local para acrescentar uma moeda ao seu tesouro, descobriu o furto. Indignado, quis gritar, mas controlou-se; de nada adiantaria lamentar-se. Em vez disso, voltou para casa e começou a pensar numa maneira de recuperar seu dinheiro. Desconfiou de que o ladrão só poderia ser o vizinho e armou um plano para enganá-lo.

Na manhã seguinte, procurou-o, dizendo assim:

- Caro vizinho, estou numa grande dúvida e pensei que você poderia aconselhar-me. Acontece que hoje fiquei sabendo que herdei de uma velha tia uma fortuna em moedas de ouro. Eu tenho um esconderijo secreto onde guardo minhas economias, mas não sei se lá é um lugar seguro, a salvo de ladrões. Você não acha que talvez fosse melhor entregar essa fortuna para o vigário da aldeia guardar?

Os olhos do vizinho piscaram de cobiça. E já pensando em pôr as mãos em todo tesouro, assegurou ao cego que o melhor seria guardar tudo junto no esconderijo, com certeza um lugar muito seguro, sim!

O cego agradeceu o conselho e partiu para a aldeia, dizendo que ia buscar uma herança. Sem perder tempo, o vigarista recolocou o que furtara no buraco ao pé da árvore; cobriu tudo com terra e foi embora.

Dali a pouco o cego voltou e, conforme esperava, encontrou no lugar de sempre as suas preciosas moedas.

À noite, quando o vizinho ladrão retornou, só encontrou ao pé do carvalho um buraco vazio, tão vazio quanto sua pobre cabeça de tolo...



Rosane Pamplona. Em: “Novas Histórias Antigas”.



A GULOSA DISFARÇADA

Um homem casara com excelente mulher, dona de casa arranjadeira e honrada, mas muito gulosa. Para disfarçar seu apetite, fingia-se sem vontade de alimentar-se sempre que o marido a convidava nas refeições. Apesar desse regime, engordava cada vez mais e o esposo admirava alguém poder viver com tão pouca comida. Uma manhã, resolveu certificar-se se a mulher comia em sua ausência. Disse que ia para o trabalho e escondeu-se num lugar onde podia acompanhar os passos da esposa.

No almoço, viu-a fazer umas tapiocas de goma, bem grossas, molhadas no leite de coco, e comê-las todas, deliciada. Na merenda, mastigou um sem-número de alfenins finos, branquinhos e gostosos. Na hora do jantar matou um capão, ensopou-o em molho espesso, saboreando-o. À ceia, devorou um prato de macaxeiras, enxutinhas, acompanhando-as com manteiga.

Ao anoitecer, o marido apareceu, fingindo-se fatigado. Chovera o dia inteiro e o homem estava como se estivesse passado, como realmente passara, o dia à sombra. A mulher perguntou:

- Homem, como é que trabalhando na chuva você não se molhou?

O marido respondeu:

- Se a chuva fosse grossa como as tapiocas que você almoçou, eu teria vindo ensopado como o capão que você jantou. Mas a chuva era fina como os alfenins que você merendou e eu fiquei enxuto como as macaxeiras que você ceou.

A mulher compreendeu que fora descoberta em seu disfarce e não mais escondeu o seu apetite ao marido.

*Leopoldino Viana de Melo de Macaíba – Rio Grande do Norte.
Recolhido por Luís da Câmara Cascudo. Em: “Contos tradicionais do Brasil”.*

O VELHO E O TESOURO DO REI

(Rio de Janeiro)

Havia em um lugar um homem velho muito pobre, tão pobre que não tinha o que comer.

Um dia roubaram o tesouro do rei, e este disse que quem adivinhasse a pessoa que o tinha roubado, ganharia uma grande soma de dinheiro. Levantaram um falso ao velho muito pobre, e foram dizer ao rei que ele tinha dito que sabia quem havia roubado o tesouro. O rei mandou-o chamar, e deu-lhe três dias para adivinhar, sob pena de morte.

Ficou o pobre homem em palácio, com ordem de comer do bom e do melhor. Logo no primeiro dia apareceu um criado que serviu de muito bons manjares, e o homem comeu até não poder mais. Quando acabou, virou-se para o criado e disse: Graças a Deus, que já vi um. “Isto foi referindo-se ao bom passado, pois na sua vida era aquele o primeiro dia que ele tinha comido melhor.

O criado, que era um dos cúmplices do roubo, ficou muito espantado e foi dizer aos outros dois companheiros o que tinha ouvido do velho. Então assentaram que no outro dia iria outro criado servir ao velho, para ver o que ele dizia. Com efeito, depois de ter comido e bebido bem no segundo dia, diz o velho para o criado: “Graças a Deus que já vi três.” Aí o criado ajoelhou-se aos pés do pobre homem e declarou que com efeito tinham sido eles que tinham roubado o tesouro do rei, mas que ele guardasse segredo, que eles prometiam entregar toda a quantia.

O velho, que estava condenado à morte, assim que se viu senhor do segredo, jurou não declarar quem tinha feito o roubo e foi logo entregar o tesouro ao rei. Este ficou muito contente e recompensou o velho com uma grande soma de dinheiro.

Os criados, por sua vez, não fizeram mais outro roubo, com medo de serem descobertos.

Sílvio Romero. Em: “Contos Populares do Brasil.”



O CABOCLO, O PADRE E O ESTUDANTE

Um estudante e um padre viajavam pelo sertão, tendo como bagageiro um caboclo. Deram-lhe numa casa um pequeno queijo de cabra. Não sabendo como dividi-lo, mesmo porque chegaria um pequenino pedaço para cada um, o padre resolveu que todos dormissem e o queijo seria daquele que tivesse, durante a noite, o sonho mais bonito, pensando engabelar todos com os seus recursos oratórios. Todos aceitaram e foram dormir. À noite, o caboclo acordou, foi ao queijo e comeu-o.

Pela manhã, os três sentaram à mesa para tomar café e cada qual teve de contar o seu sonho. O frade disse ter sonhado com a escada de Jacob e descreveu-a brilhantemente. Por ela, ele subia triunfalmente para o céu. O estudante, então, narrou que sonhara já dentro do céu à espera do padre que subia. O caboclo sorriu e falou:

- Eu sonhei que via seu padre subindo a escada e seu doutor lá dentro do céu, rodeado de amigos. Eu ficava na terra e gritava:

- Seu doutor, seu padre, o queijo! Vosmincês esqueceram o queijo.

Então, vosmincês respondiam de longe, do céu:

- Come o queijo, caboclo! Come o queijo, caboclo! Nós estamos no céu, não queremos queijo.

O sonho foi tão forte que eu pensei que era verdade, levantei-me, enquanto vosmincês dormiam, e comi o queijo...

Gustavo Barroso, Ceará.

Recolhida por Luís da Câmara Cascudo. Em: “Contos Tradicionais do Brasil”.

OS OVOS COZIDOS

Um homem hospedou-se numa casa, no meio de uma caminhada. Só havia ovos para comer e ele mandou cozinhar meia dúzia. Depois de faltar-se foi dormir e saiu pela madrugada sem pagar os ovos. Lá adiante lembrou-se que não havia pago, mas já não podia voltar, tal a distância percorrida. Então fez voto de botar o dinheiro dos ovos para render.

Muito tempo depois voltou àquela mesma casa e pagou os ovos e mais os lucros. A mulher não quis receber, dizendo que os ovos tinham (teriam) rendido mais.

Teima daqui, teima dali, resolveram botar a questão na mão do juiz. Constituíram advogado; o advogado do homem honesto chegou à audiência atrasado, alegando que estava cozinhando milho para plantar. Admiraram-se muito que ele cozinhasse milho para plantar pois não haveria de nascer e produzir. Ele disse: “E quem já viu ovos cozidos produzir?” Ganhou a questão.

Contada por Antônio Pacífico Gomes, de São José de Mipibu,
em casa de minha sogra Maria do Carmo Araújo.

Recolhida por Celso da Silveira. Em: “O macaco e suas histórias maravilhosas”.



CONTOS ACUMULATIVOS

Alguns pesquisadores chamam também de Contos Cumulativos ou Histórias Encadeadas. São contos em que os episódios são sucessivamente articulados. Também denominados “lengalenga”, são contos nos quais as sequências narrativas se repetem e se encadeiam com acréscimos e recorrências de alguns elementos, sempre na mesma ordem, até o fim. Por isso são conhecidos de “contos de nunca mais acabar”. Eles têm características de uma longa parlenda, contada e recontada para divertir as crianças.

O MACACO E O RABO (Sergipe)

Um macaco uma vez pensou em fazer fortuna. Para isso foi-se colocar por onde tinha de passar um carreiro com seu carro. O macaco estendeu o rabo pela estrada por onde deviam passar as rodas do carro. O carreiro, vendo isto, disse: “Macaco, tira teu rabo do caminho, que eu quero passar.” – “Não tiro”, respondeu o macaco. O carreiro tangeu os bois, e o carro passou por cima do rabo do macaco, e cortou-o fora. O macaco, então, fez um barulho muito grande: “Eu quero meu rabo, ou então me dê uma navalha...” O carreiro lhe deu uma navalha, e o macaco saiu muito alegre a gritar: “Perdi meu rabo! Ganhei uma navalha!... Tinglin, tinglin, que vou para Angola!...” Seguiu. Chegando adiante, encontrou um negro velho, fazendo cestas e cortando os cipós com o dente.

O macaco: “Oh! Amigo velho, coitado de você!...Ora, está cortando os cipós com o dente! tome esta navalha.” O negro aceitou, e, quando foi partir um cipó, quebrou-se a navalha. O macaco abriu a boca no mundo e pôs-se a gritar: “Eu quero a minha navalha! Ou então me dê um cesto!” O negro velho lhe deu um cesto e ele saiu muito contente gritando: “Perdi meu rabo, ganhei uma navalha, perdi minha navalha, ganhei um cesto...Tinglin, tinglin, que vou pra Angola!”

Seguiu. Chegando adiante, encontrou uma mulher fazendo pão e botando na saia. “Ora, minha sinhá, fazendo o pão e botando na saia! Aqui está um cesto.” A mulher aceitou, e, quando foi botando os pães dentro, caiu o fundo do cesto. O macaco abriu a boca no mundo e pôs-se a gritar: “Eu quero o meu cesto, quero o meu cesto, senão me dê um pão!” A mulher deu-lhe o pão, e ele saiu muito contente a dizer: “Perdi meu rabo, ganhei a navalha, perdi minha navalha, ganhei um cesto, perdi meu cesto, ganhei um pão!...O meu pão eu vou comer! Tinglin, tinglin, que vou pra Angola!...” E foi comendo o pão.

Sílvia Romero. Em: “Contos Populares do Brasil”.

UMA ESTÓRIA SEM FIM

Um fazendeiro muito rico tinha um bando de patos em número que não se podia contar. Numa manhã, o menino encarregado de levar os patos para a lagoa encontrou o córrego cheio d’água, das chuvas caídas na noite anterior. Como era preciso chegar à lagoa, o menino levou os patos para o córrego e obrigou-os a atravessar o riachinho.

- E então?
- Os patos começaram nadando, nadando, atravessando o córrego.
- E então?
- Deixe os patos passarem o córrego...
- E depois?
- Deixe os patos atravessarem o córrego...

Luís da Câmara Cascudo. Em: “Literatura oral no Brasil”.



COCA RECOCA

Uma vez, um menino foi passear no mato e apanhou uma coca. Chegando em casa, deu-a de presente à avó, que a preparou e comeu. Mas o menino sentiu fome, e depois voltou para buscar a coca, cantando:

Minha avó, me dê minha coca,
Coca que o mato me deu.
Minha avó comeu minha coca,
Coca recoca que o mato me deu.

A avó, que já havia comido a coca, deu-lhe um pouco de angu. O menino ficou com raiva, jogou o angu na parede e saiu. Mais tarde, arrependeu-se e voltou, cantando:

Parede, me dê meu angu,
Angu que minha avó me deu
Minha avó comeu minha coca,
Coca, recoca que o mato me deu.

A parede, não tendo mais o angu, deu-lhe um pedaço de sabão. O menino andou, andou, encontrou uma lavadeira, lavando roupa sem sabão e disse-lhe: você lavando sem sabão, lavadeira? Tome este para você. Dias depois, vendo que sua roupa estava suja, voltou para tomar o sabão, cantando:

Lavadeira, me dê meu sabão,
Sabão que a parede me deu,
Parede comeu meu angu,
Angu que minha avó me deu.
Minha avó comeu minha coca.
Coca, recoca que o mato me deu.

A lavadeira já havia gasto o sabão: deu-lhe, então, uma navalha. Adiante encontrou um cesteiro cortando o cipó com os dentes. Então disse-lhe: você cortando cipó com os dentes!... tome esta navalha. O cesteiro ficou muito contente e aceitou a navalha. No dia seguinte, sentindo o menino a barba grande, arrependeu-se de ter dado a navalha (ele sempre se arrependia de dar as coisas) e voltou para buscá-la, cantando:

Cesteiro, me dê minha navalha,
Navalha que lavadeira me deu.
Lavadeira gastou meu sabão,
Sabão que parede me deu.
Parede comeu meu angu
Angu que minha avó me deu.
Minha avó comeu minha coca.
Coca, recoca que o mato me deu.

O cesteiro, tendo quebrado a navalha, deu-lhe, um cesto. Recebeu o cesto e saiu, dizendo consigo: Que vou fazer com este cesto? No caminho, encontrando um padeiro fazendo pão e colocando-o no chão, deu-lhe o cesto. Mais tarde, precisou do cesto e voltou para buscá-lo, com a mesma cantiga:

Padeiro, me dê meu cesto,
Cesto que o cesteiro me deu.
O cesteiro quebrou minha navalha,
Navalha que a lavadeira me deu...

O padeiro, que tinha vendido o pão com o cesto, deu-lhe um pão. Saiu o menino com o pão e, depois de muito andar, não estando com fome, deu o pão a uma moça, muito pobre. Depois, sentindo fome, voltou para pedir o pão à moça e cantou:

Moça, me dê meu pão,
Pão que o padeiro me deu.
O padeiro vendeu meu cesto
Cesto que o cesteiro me deu...

A moça havia comido o pão; não tendo outra coisa para lhe dar, deu-lhe uma viola. O menino ficou contentíssimo; subiu com a viola numa árvore e pôs-se a cantar:

De uma coca fiz angu,
De angu fiz sabão,
De sabão fiz uma navalha,
De uma navalha fiz um cesto,
De um cesto fiz um pão
De um pão fiz uma viola,
Dingue lindingue que eu vou para Angola,
Dingue lindingue que eu vou para Angola.



...QUE EU VOU PARA ANGOLA...

De vez em quando eu escrevo umas histórias que eu invento e digo que foi meu avô que me contou. Eu faço isso porque as pessoas gostam muito dessas histórias antigas, que folclore hoje em dia é a última moda.

Mas essa história, no duro, no duro que foi o meu avô que me contou. Você vai lendo e vai imaginando meu avô, um velhinho careca, baixinho, e muito divertido. Ele contava as histórias fazendo as vozes das personagens, cantando em algumas partes e dançando nas outras...

Era um dia um macaco.

Safado e sem-vergonha...

E meio maluco também.

Vai que ele um dia foi à casa do barbeiro e pediu:

- Ó seu barbeiro, corte meu rabo fora.

O barbeiro ficou espantado:

- Cortar o seu rabo? Mas que ideia!

Mas tanto o macaco chateou o barbeiro que o barbeiro cortou o rabo do macaco fora.

O macaco foi-se embora.

Daí uns dias o macaco voltou:

- Seu barbeiro, quero o meu rabo de volta.

- E eu sei do seu rabo, seu macaco maluco? Eu joguei no lixo!

- Ah, não quero nem saber – o macaco disse. – Quero porque quero o meu rabo.

E o macaco fez tamanho escândalo, que o barbeiro já não sabia o que fazer.

Então o macaco disse:

- Então me dê uma navalha.

O barbeiro, que já estava muito cansado de aguentar o berreiro do macaco, deu a ele uma navalha.

E o macaco foi-se embora, feliz da vida...

Vai que o macaco passou num lugar onde tinha um velho fazendo cestos. E o velho cortava o vime com os dentes porque não tinha faca.

O macaco foi chegando e foi perguntando:

- Não era bom se você tivesse uma navalha pra cortar o vime?

- É claro que era, seu macaco!

- Pois pode ficar com a minha navalha.

O velho ficou contente e o macaco foi-se embora.

Daí uns tempos o macaco voltou:

- Ó velho, cadê a minha navalha?

- Sua navalha? Sua navalha ficou velha, cheia de dentes, eu joguei fora.

- Ah, não sei de nada! Quero minha navalha de volta!

- Mas, seu macaco, eu não tenho mais a sua navalha!

- Pois então eu vou levar um cesto!

E o macaco agarrou um cesto e foi-se embora, feliz da vida.

Então ele passou por uma padaria.

E a velha, dona da padaria, estava tirando os pães do forno e botando na saia, que ela segurava como se fosse um cesto.

O macaco ficou olhando, muito enxerido.



- Nunca viu? – a velha perguntou.

- Nunca vi, não, aparar os pães na saia. Por que é que a senhora não fica com o meu cesto?

A velha ficou contente e o macaco foi-se embora.

E já se sabe!

Passou-se muito tempo e lá veio o macaco:

- Ó mulher, cadê o meu cesto?

- Seu cesto, macaco? Pois seu cesto furou, estragou. Tive de jogar no lixo!

- Ah, não sei de nada! Eu quero o meu cesto!

E tanto o macaco gritou que a velha, no lugar do cesto, deu a ele um pão.

O macaco foi embora, com o pão debaixo do braço, como se fosse um francês.

Então ele passou num colégio onde estava todo mundo brigando.

O macaco perguntou por quê.

Disseram a ele que não tinha comida pra todo mundo, por isso todo mundo estava zangado.

O macaco foi e deu o pão pra todo mundo dividir.

Todo mundo ficou contente e o macaco foi-se embora.

Daí uns dias quem foi que apareceu no colégio? Pois foi o macaco.

- Cadê meu pão?

- Seu pão, seu macaco? Pois a gente comeu, não era pra comer?

- Não sei de nada – disse o macaco. – Eu quero meu pão.

- Mas, seu macaco...

- Nem macaco, nem meio macaco! Quero meu pão! E o macaco gritou, berrou e quando viu que não ia ser atendido pegou uma moça e saiu correndo.

Ele ia passando num lugar que tinha um moço tocando uma viola.

E o moço, quando viu a moça, ficou logo interessado. E a moça, quando viu o moço, ficou toda assanhada. Então o moço disse:

- Ó seu macaco, me dê a moça que eu lhe dou a minha viola.

O macaco apanhou a viola e saiu cantando:

Do meu rabo fiz uma navalha,
Da minha navalha eu fiz um cesto,
Do meu cesto eu fiz um pão,
Do meu pão eu fiz uma moça,
Da minha moça eu fiz uma viola...

Trá, lá, lá, lá, lá

Que eu vou pra Angola...

Trá, lá, lá, lá, lá

Que eu vou pra Angola...

Agora ninguém me pergunte qual é a mensagem desta história.

Eu sei lá...

Ruth Rocha. Em: “...Que eu vou para Angola...”.

Outras sugestões de contos acumulativos: “Ah!Cambaxirra se eu pudesse” (Ana Maria Machado), “A casa que Pedro fez” (reconto de Bia Bedran) e “Uma história sem fim” (reconto de Bia Bedran).

